



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

LETÍCIA PIGNATARO GOMES

**SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DA SÉRIE “13 REASONS
WHY” À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

Brasília

2018

LETÍCIA PIGNATARO GOMES

**SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DA SÉRIE “13
REASONS WHY” À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientadora: Profa. Ilsimara Moraes da Silva

Brasília

2018

LETÍCIA PIGNATARO GOMES

**SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA: ANÁLISE DA SÉRIE “13
REASONS WHY” À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Psicologia pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientadora: Profa. Ilsimara Moraes da Silva.

Brasília, 3 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora: Ilsimara Moraes da Silva

Professora Examinadora: Fádua Helou

Professora Examinadora: Miriam May

Este trabalho é dedicado a todos que sofrem. A todos que, em algum momento, pensaram no suicídio como possibilidade. E a todos que lutam para encontrar razões para viver.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Christiane, por me criar para ser uma mulher forte e independente, e por sempre acreditar que posso sonhar e voar alto.

Aos meus quatro pais: Christiane, Marcelo, Alyssa e Júlio, por me darem dois lares e serem a minha família.

Às minhas irmãs: Gabriela e Giovanna, por fazerem eu me sentir amada por quem eu sou. Amo muito vocês.

Ao meu namorado e amigo: Vinicius, por ser meu porto seguro e a pessoa que me inspira todos os dias.

À minha orientadora: Ilesimara, por me dar a força, sob medida, que precisei para produzir este trabalho.

À professora Tania Inessa por ser a profissional competente, íntegra e humana, que muito me inspira.

À banca por aceitar o nosso convite e participar desse momento tão especial para mim.

À minha amada amiga Heloíza, que faleceu durante a reta final de produção deste trabalho. Eu sei que a saudade vai durar enquanto eu viver, mas me agarro na esperança de um dia te reencontrar, minha amiga!

“Isso me faz refletir que, como terapeuta, não consigo tirar ninguém do seu vazio existencial, pois o vazio já está lá e é considerado pela Gestalt como fértil e cheio de possibilidades. Ajudamos nossos clientes a transformarem o vazio estéril em vazio fértil.”

Karina Fukumitsu

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo compreender o fenômeno do suicídio na adolescência, tendo como base a perspectiva fenomenológica existencial, com foco na Gestalt-terapia. Pretendeu-se também: discutir sobre o processo de adolecer; analisar criticamente o papel da mídia na divulgação de casos de suicídio e discutir como a Gestalt-terapia aborda o fenômeno. Para tanto, foi realizada análise de material cinematográfico de grande audiência entre o público jovem e que retrata a temática do suicídio juvenil: a série “13 Reasons Why”. Trata-se de um estudo qualitativo utilizando o método fenomenológico. Foram elaboradas duas unidades significativas: Sinais de alerta e fatores de risco ao suicídio; e Sofrimento existencial e tentativas de ajustes criativos frente ao sofrimento. Entende-se o suicídio como um fenômeno multicausal e um ajuste criativo que tem por objetivo pôr fim a um intenso sofrimento existencial. As altas taxas de suicídio nesse momento do desenvolvimento e o aumento dessas taxas nos convocam a um olhar mais atento e cuidadoso a esse fenômeno.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Suicídio. Adolescência. Contemporaneidade. Mídia.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E EMANCIPAÇÃO.....	10
1.1.1 Adolescer na contemporaneidade	13
1.2 TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUICÍDIO: FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO.....	17
1.3 O SUICÍDIO NA MÍDIA.....	21
2 COMPREENDENDO O SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA	23
2.1 PSICOTERAPÊUTICA EM CASOS DE COMPORTAMENTOS SUICIDAS.....	27
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	29
3.1 SÍNTESE DO SERIADO QUE SERÁ ANALISADO NESTE ESTUDO.....	31
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
4.1 SINAIS DE ALERTA E FATORES DE RISCO AO SUICÍDIO.....	33
4.2 SOFRIMENTO EXISTENCIAL E TENTATIVAS DE AJUSTES CRIATIVOS FRENTE AO SOFRIMENTO.....	40
5 REPERCUSSÃO DA SÉRIE CINEMATOGRAFICA	50
6 CONSIDERAÇÃO FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	63

1 INTRODUÇÃO

O suicídio é um assunto de fundamental importância para a saúde pública mundial, configurando-se como a segunda maior causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos no mundo. Morrem mais de 800.000 pessoas ao ano, por essa razão, a estimativa é de que a cada 40 segundos uma pessoa no mundo tira a própria vida, (OPS, 2014).

Os homens morrem quatro vezes mais por suicídio em relação às mulheres, porém o número de tentativas delas se mostra significativamente superior. Essas taxas representam 50% das mortes violentas de homens e 71% das mortes violentas de mulheres no mundo (OPS, 2016).

Os métodos mais utilizados para o suicídio variam entre distintas regiões do mundo. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, em que o porte de armas é legalizado em alguns estados, esse método está entre os mais utilizados. Na América do Sul, de maneira geral, o método mais utilizado é a asfixia (OPS, 2016).

Embora o Brasil não possua uma alta taxa de suicídio em números relativos, ele ocupa a oitava posição quando se trata de números absolutos. Foram registrados, em 2012, 11.821 suicídios, ou seja, aproximadamente 30 por dia. Desses, 9.198 ocorreram entre homens e 2.623 entre mulheres. Entre os anos de 2000 e 2012, observou-se um aumento no número de mortes desse tipo em 10,4% da população geral e em mais de 30% entre os jovens (ABP, 2009).

Buscando diminuir esses números alarmantes, a Organização Mundial de Saúde publicou em 2013 o primeiro plano de saúde mental da história da organização: o Plano de Ação sobre Saúde Mental 2013-2020, em que os países membros se comprometem a trabalhar em medidas que visem diminuir a taxa de suicídios em 10% até 2020 (OPS, 2014).

O objetivo desse Plano de Ação é melhorar a saúde mental, prevenir transtornos mentais, fornecer e aprimorar cuidados e promover direitos humanos para a sociedade civil. Para isso, o plano propõe e exige ações, dos estados membros, adaptadas à realidade cultural de cada país e estabelece que os Ministérios da Saúde assumam papel de liderança para a implementação das propostas no seu território (ONU, 2016).

A Associação Brasileira de Psiquiatria estima que até 2020 possa haver um aumento em 50% no quantitativo de mortes por suicídio no mundo. O número de mortes por esse motivo é maior do que as decorrentes de homicídio e guerra combinadas. Além disso, a

Associação também estima que para cada suicídio pelo menos seis outras vidas são profundamente impactadas (ABP, 2009).

Apesar dos fatores que contribuem para o suicídio variarem entre grupos demográficos e populações específicas, estudos apontam que os mais vulneráveis são os jovens, os mais idosos e os socialmente isolados, como a população indígena (CFP, 2013).

Nos países menos desenvolvidos, a ocorrência de suicídios é maior. Estes locais estão relativamente menos equipados para impedir o suicídio, pois estão pouco capacitados para acompanhar a demanda crescente que vai da assistência à saúde, em geral, até a assistência especializada em saúde mental. Além disso, os serviços são escassos, recebem poucos recursos econômicos e, quando existem, são de difícil acesso à população (CFP, 2013).

Por se configurar ainda como um tabu em diversas sociedades, sendo inclusive considerado ilegal em alguns países, é muito provável que haja subnotificação dos casos de suicídio, sendo que, portanto, os dados podem ser ainda mais alarmantes. Até em países com bons registros de mortalidade, considera-se que grande parte dos casos de suicídio pode estar sendo notificada como outra *causa mortis*, como, por exemplo, acidente ou outra (OPS, 2014).

As tentativas de suicídio são registradas de maneira ainda mais falha e menos confiável do que os dados de suicídio. Estima-se que as tentativas superem os casos de suicídio em pelo menos dez vezes (BRASIL, 2006).

Pessoas com diagnósticos de transtornos mentais como: esquizofrenia, ansiedade, depressão, entre outros, possuem maior risco de suicídio (BRASIL, 2006). Porém, isso não significa dizer que o diagnóstico psiquiátrico é a causa do comportamento suicida. O suicídio é um fenômeno complexo e multicausal, no qual fatores psicológicos, psiquiátricos, econômicos, culturais e religiosos estão, na maioria dos casos, interagindo (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013).

Considerando a importância do tema e a as possíveis contribuições da Psicologia, o presente estudo busca a compreensão do fenômeno do suicídio na adolescência, com base na perspectiva fenomenológica existencial, com foco na Gestalt-terapia. Mais especificamente, pretende-se discutir sobre o processo de adolecer; analisar criticamente o papel da mídia na divulgação de casos de suicídio; discutir como a Gestalt-terapia aborda o fenômeno, via análise de material cinematográfico da série “13 Reasons Why”, ou como foi traduzida para o Brasil, “Os Treze Porquês”.

Neste estudo não será utilizado a expressão “cometer suicídio” por entender que, culturalmente, o verbo cometer está associado a crime ou pecado, dessa forma, contribuindo para a estigmatização dessas pessoas (FUKUMITSU, 2016). Neste trabalho, optou-se então por uso de expressões como: “suicidar-se”, “tirar a própria vida”, “comportamento suicida”, “ato suicida”, entre outros.

1.1 ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE E EMANCIPAÇÃO

“A palavra adolescente vem do particípio presente do verbo latim *adolescere*, que significa crescer” (MIRABELLA, 2013, p.14). E crescer implica mudanças corporais, psicológicas, sociais, dentre outras. As mudanças corporais ocorridas a partir das alterações hormonais da puberdade sinalizam, tanto para o adolescente como para os seus familiares, de forma visível, a passagem da infância para a adolescência (MIRABELLA, 2013).

Diversos autores e instituições compreendem essa fase do desenvolvimento a partir de um critério objetivo, um período de tempo entre duas idades pré-estabelecidas. Para o Estatuto da Criança e da Adolescência (ECA), é adolescente o indivíduo dos doze aos dezoito anos de idade (BRASIL, 1990). Enquanto para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é o período compreendido entre dez e dezenove anos (WHO, 2017).

O conceito de adolescência é uma invenção moderna, criado entre o final da Primeira Guerra Mundial e o início da Segunda Guerra. Além de um período compreendido entre duas idades cronológicas arbitrárias e fixas, culturalmente, a adolescência é um fenômeno psicossocial, não sendo possível falar de uma adolescência única, mas sim de um processo intimamente relacionado a aspectos sociais, econômicos e culturais do meio em que este sujeito está inserido (OUTEIRAL, 2003).

A adolescência, portanto, é um processo marcado por diversas mudanças físicas, emocionais, cognitivas, e não um estado com fases pré-estabelecidas e acontecimentos comuns a todos os indivíduos de determinada idade cronológica (PEREIRA, 2005).

Para Azevedo e Dutra (2012), há uma grande variedade de conceitos no que se refere ao que é ser adolescente. Para as autoras, essa diversidade conceitual diz muito sobre a maneira ambígua que a sociedade atual enxerga o adolescente: em alguns momentos compreendendo as particularidades das experiências de cada indivíduo, e em outros, buscando padrões rígidos, de modo a tentar generalizar as vivências dessa fase da vida.

A adolescência é um período da vida que propicia a aparição de uma crise psicológica, decorrente de uma situação pessoal que surge quando estruturas de adaptação e de defesa bem experimentadas deixam de ser adequadas à assimilação de novas exigências (PEREIRA, 2005, p.8).

Erik Erikson, importante estudioso da psicologia, trata sobre esses momentos de crise no processo de desenvolvimento. Ele desenvolveu a teoria psicossocial do desenvolvimento a partir de um estudo crítico sobre conceitos construídos por Freud. Erikson divide o ciclo vital em oito estágios psicossociais. De acordo com esse autor, a adolescência é compreendida a partir do estágio: identidade *versus* confusão de papel (ERIKSON, 1976; RABELLO; PASSOS, 2001).

Esse autor busca compreender o desenvolvimento psíquico humano a partir de sucessões de crises vitais que ocorrem ao longo de toda a existência. O conceito de crise de identidade, embora auxilie a compreender o desenvolvimento do adolescente, não é exclusivo desse momento da vida, podendo ocorrer em quaisquer períodos do ciclo vital (PEREIRA, 2005).

Erikson entendia cada crise como: “[...] período de decisão entre um pólo positivo e outro negativo, entre progressão e regressão, integração e retardamento. Cada estágio representa uma crise de aprendizagem, com a possibilidade de aquisição de novas habilidades e atitudes” (PEREIRA, 2005, p.61).

Nessa fase da vida o adolescente questiona as concepções uniformes e contínuas que acreditava na infância. Para Erik Erikson (1976, p. 242), “a mente do adolescente é essencialmente uma mente de *moratorium*, que é uma etapa psicossocial entre a infância e a idade adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida no adulto”.

O adolescente se preocupa com a maneira que é percebido pelo grupo social e frequentemente se preocupa com a incapacidade de se perceber com uma identidade ocupacional bem definida. O adolescente então se identifica de maneira rápida e intensa a determinado grupo e pode também:

Apegar-se demasiado ao espírito de clã e ser cruéis na exclusão de todos que sejam diferentes, na cor da pele, nos antecedentes culturais, nos gostos e dotes e, muitas vezes, em aspectos insignificantes das vestimentas e das maneiras que tenham sido temporariamente selecionados como os sinais característicos de estar no grupo ou fora do grupo (ERICKSON, 1976, p. 241).

Para Erikson, cada indivíduo constitui a sua personalidade a partir da interação de três dimensões inseparáveis e interdependentes entre si, as dimensões: biológica, social e individual. E de acordo com esse autor, saúde psíquica está intimamente relacionada com o desenvolvimento de um firme sentido de identidade. Ou seja, o indivíduo ser capaz de

reconhecer a sua singularidade e se apropriar do seu passado, presente e futuro na sociedade em que está inserido (PEREIRA, 2005).

Esse firme sentido de identidade, descrito por Erickson, relaciona-se a conceitos da Gestalt-terapia: heterossuporte e autossuporte. Ao longo do processo de amadurecimento da própria identidade, o heterossuporte se faz cada vez menos necessário, enquanto o autossuporte se faz cada vez mais presente (ANDRADE, 2014).

A transição do heterossuporte para o autossuporte requer que o indivíduo se aproxime de si mesmo, das suas reais necessidades, vontades, etc. Para Andrade (2014, p.156), “[...] ter autossuporte é aceitar-se como se é”. Para isso, é necessário um processo de autoconhecimento e autoaceitação com o objetivo de “[...] andar com as próprias pernas de modo autêntico [...] nunca se esquecendo de que também existem recursos externos e de que pode usá-los, desde que necessário e/ou desejado” (ANDRADE, 2014, p.150).

Adolescência é a fase da vida que tem início com o fim da infância, porém, não possui data pré-estabelecida para o seu término. Pode ser vivenciada em outros momentos da vida, como, por exemplo, quando os filhos entram nessa fase, possibilitando que os pais revivam a própria adolescência. Ou quando o indivíduo se percebe em uma situação de conflito em que precisa estabelecer uma nova postura em relação com o meio (MIRABELLA, 2013).

Nessa época geralmente surgem diversas dificuldades relacionais entre pais e filhos. Para Pereira (2005, p. 95),

Os adolescentes buscam ativamente a autonomia, a independência e um senso de controle de suas próprias vidas, defendendo tudo aquilo que lhes pertence, incluindo sua maneira de pensar. É uma época de definição da personalidade, na qual o modelo de perfeição dos pais é desconstruído.

Essa busca por autonomia ocorre por meio de diversas contradições entre a dependência e a independência em diferentes momentos, o que gera comumente uma dificuldade dos adultos em lidar com as diferentes facetas, desse processo do adolescente, de construção do seu estar no mundo (PEREIRA, 2005).

Nesse período da vida há o questionamento da forma de se posicionar em relação com o mundo em busca de uma construção de uma nova identidade (MIRABELLA, apud ROMERO, 2005). Nessa busca identitária, o grupo dos amigos influencia fortemente as maneiras de vir a ser do sujeito. Devido à necessidade de pertencimento a esse grupo, o adolescente, frequentemente, se envolve em atividades arriscadas para o seu bem-estar físico e psicológico (MIRABELLA, 2013).

Para Brito (2017, p. 29), “A experiência do existir nasce do encontro com o outro, da relação; e é nessa relação de campo organismo-meio, com base em nossas experiências vividas, que vamos formando nossas representações do que somos, nos significando, nos definindo [...]”. Sendo assim, para a Gestalt-terapia, o indivíduo constrói a sua identidade a partir da relação com o outro.

A adolescência é um período do ciclo vital em que o indivíduo questiona as introjeções da família e da sociedade, em uma busca de encontrar a sua própria identidade. O adolescente então percebe que, muitas vezes, essa busca de individualidade só é possível por meio da separação subjetiva dos pais, o que, por vezes, gera conflitos entre essas gerações (ZANELLA; ANTONY, 2016).

De acordo com Zanella e Antony (2016), quando o adolescente se movimenta na direção de se livrar dessas introjeções impostas pelo meio ele se direciona para o que as autoras chamam de egotismo funcional, ou seja, ele passa a se tornar o centro, mobilizando seus recursos em direção à descoberta e à emancipação do seu próprio eu no processo de autorrealização.

A Gestalt-terapia entende introjeção como:

Processo primário de internalização de crenças, valores, pensamentos e comportamentos transmitidos pelos pais, pela cultura e por outros ambientes significativos que fazem parte da formação (e de formação da identidade do indivíduo) (ZANELLA; ANTONY, 2016, pp. 86-87).

1.1.1 Adolescer na contemporaneidade

Há uma crescente discussão teórica acerca dos fenômenos relacionados ao momento sócio-histórico atual. Alguns autores identificam esse momento como pertencente à pós-modernidade e dotada de um conjunto de características, tais como: “velocidade, banalização, cultura do descartável, fragmentação, globalização, mundo de imagens, virtualidade, simulacro, des-subjetivação, des-historicização, des-territorialização, etc.” (OUTEIRAL, 2005, p. 91).

Vale ressaltar que ao estudar o próprio momento histórico em que está inserido o pesquisador deve tomar alguns cuidados. Ele deve sempre manter a postura crítica sob o risco de passar uma impressão saudosista ao leitor, desconectada do fenômeno em si, como ocorre em algumas produções.

Martin Buber relata uma mudança na forma das pessoas se relacionarem ao longo do tempo. Para este autor, as relações humanas são diferenciadas como do tipo Eu-Tu e Eu-Isso. A primeira implica uma relação de troca, de confirmação mútua. Na segunda, o Eu assume uma posição de consciência de si, mas não da alteridade, o outro é visto como um objeto para a satisfação dos próprios interesses (CREMER, 2015).

Esses diferentes tipos de relação não são por si só bons ou ruins, eles são pertinentes dependendo das circunstâncias em que essas relações se dão, não cabendo um juízo de valor. Porém, quando há a cristalização do tipo Eu-Isso, como é frequentemente observado na sociedade contemporânea, o diálogo autêntico e a confirmação do outro são deixados de lado, o que contribui para diversos problemas biopsicossociais (CREMER, 2015).

A forma de se relacionar na contemporaneidade tem sofrido grandes mudanças. De acordo com Bauman (2008), há a passagem histórica da sociedade de consumo para a sociedade de consumidores. O autor, ao descrever a sociedade atual dessa maneira, toma o cuidado de caracterizá-la como um tipo ideal e, para ele, “tipos ideais não são descrições da realidade, mas ferramentas usadas para analisá-la.” (BAUMAN, 2008, p. 39 – 40).

Em uma sociedade em que o consumismo possui papel importante no cotidiano das pessoas, muitas delas acreditam que para se realizar como indivíduo, ou seja, se tornar sujeito, necessitam possuir bens. Um dos dilemas atuais se encontra em o ter substituindo o ser, o que gera um constante sentimento de insatisfação no indivíduos, que se distanciam, sem ter a *awareness*, das suas reais necessidades (FRAZÃO, 2017).

Bauman (2008, p.20) fala sobre isso quando diz que “na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria”. O sujeito se esforça, portanto, na busca de se tornar e continuar sendo uma mercadoria rentável e desejada, em um processo de se tornar alheio de si enquanto sujeito (BAUMAN, 2008).

Para Frazão (2017, p. 19), essa constituição de si como sujeito está relacionada a “ser real e plenamente, a se fundar como pessoa apossar-se do sentido e do significado de sua vida (até onde isso seja possível) responsabilizando-se por aquilo que se é e se escolhe ser”.

Na contemporaneidade há uma grande preocupação com a imagem a ser transmitida aos outros, e como esses outros irão percebê-la. Isso significa dizer, o que alguns autores chamam de era do parecer ou de simulacros (OUTEIRAL, 2005; FRAZÃO, 2017). “Ao parecer, a preocupação é com aquilo que o outro possa pensar de mim, o que resulta em

gestos calculados para parecer espontâneo, sincero ou aceito. Parecer destrói a autenticidade da vida pessoa a pessoa” (FRAZÃO, 2017, p.19).

Antigamente, o foco do consumo se concentrava na promessa de segurança a longo prazo, em contraposição ao período atual, a modernidade líquida, em que a busca é por um prazer instantâneo. Esse imediatismo tem se manifestado de diferentes maneiras: na velocidade da informação, em objetos que são logo descartados quando não atendem mais, nas relações transitórias e pouco nutritivas, e no imediatismo em superar as dificuldades da vida (BAUMAN, 2008).

Para Bauman (2008, p.60), “a sociedade de consumidores talvez seja a única na história humana a prometer felicidade na vida terrena, aqui e agora e a cada “agora” sucessivo. Em suma, uma felicidade instantânea e perpétua”. E que não tolera a infelicidade, buscando incessantemente uma cura milagrosa e instantânea para diversas questões que são da ordem do humano. As altas taxas de medicalização atuais se relacionam a isso (HENRIQUES, 2012).

O ser humano, como ser eminentemente social, ao longo da história se utilizou de artefatos culturais para a mediação da comunicação com os outros. Atualmente as novas tecnologias como a internet e as redes sociais são importantes mediadoras na comunicação entre as pessoas, principalmente entre o público jovem (COSTA, 2016).

Essas novas formas de interação podem ser benéficas para o indivíduo, na medida em que facilita o desenvolvimento de habilidades sociais, serve como um primeiro passo interacional, em especial para jovens que por algum motivo encontram mais dificuldade em estabelecer contato com outras pessoas (BRITO, 2017).

A internet e suas ferramentas possibilitam, portanto, uma interação diferente da provocada pelo contato pessoal, que pode ser vista como assustadora por alguns jovens. Dessa maneira, podem exercitar facetas de estar no mundo, diferentes das possíveis no contato face a face. A internet, nesse caso, torna-se um mediador facilitador do contato (ZANELLA; ZANINI, 2013).

Por outro lado, essa relação intensa do jovem com as novas tecnologias, em que a corporeidade não é necessária, traz o risco da construção de identidades fictícias para garantir a sua socialização frente às demandas e expectativas do grupo em que está inserido. E assim, produzindo formas de se relacionar do tipo Eu-Isso (BRITO, 2017; COSTA, 2016).

Além disso, há uma crescente exposição de facetas que antes estavam restritas ao âmbito do privado. Embora se reconheça diversas implicações negativas dessa exposição para os adolescentes, seria um erro reduzir essa questão a uma análise geracional, como pertencente à faixa etária e não a um fenômeno social mais amplo (BAUMAN, 2008).

Em relação a isso, Bauman (2008, p. 9-10) diz:

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional – uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o privado e o público, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos [...].

Manifestações de violência são mediadas por um suposto anonimato trazido pelas novas tecnologias, como é o caso do *cyberbullying*. Enquanto o *bullying* é caracterizado por um assédio moral ou “uma forma de violência velada, que ocorre por meio de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima” (FANTE, 2005, p. 21 apud CREMER, 2015). O *cyberbullying* é o *bullying* que possui esses artefatos virtuais como mediadores (COSTA, 2016).

O fenômeno *bullying* é classificado em direto e indireto. O primeiro tipo ocorre na presença do alvo por meio de agressões físicas ou verbais, enquanto no segundo, o alvo não está presente no momento do assédio, que ocorre por meio da divulgação de histórias vexaminosas sobre a pessoa alvo. Estatisticamente, os jovens do gênero masculino praticam mais o *bullying* direto, enquanto as do gênero feminino, o indireto. Esse cenário tem gradativamente sofrido mudanças para uma maior participação de ambos os gêneros em ambas as formas de *bullying*. E vale ressaltar que com o advento da internet, o *bullying* indireto tem ocorrido com maior facilidade e rapidez (CREMER, 2015).

Estudos veem demonstrando as consequências negativas na vida da pessoa alvo deste tipo de violência, como sintomas físicos de mal-estar; dificuldade em frequentar o local em que acontecem as agressões, normalmente a escola; forte sentimento de angústia, podendo se agravar em um quadro depressivo ou de ansiedade, e comportamentos suicidas. Muitas vezes o sujeito não encontra suporte no ambiente e autossuporte para denunciar as agressões sofridas, externalizando o sofrimento dessas experiências em sintomas (CREMER, 2015).

1.2 TECENDO CONSIDERAÇÕES SOBRE O SUICÍDIO: FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO

O suicídio é um fenômeno complexo, não sendo possível atribuir uma relação causal direta entre um acontecimento ou característica individual ou grupal e sua ocorrência. Porém, há diversos fatores de risco que auxiliam o planejamento de intervenções tanto preventivas como em situações de crise. A Organização Pan-americana de Saúde criou cartilhas que divulgam alguns desses fatores de risco, categorizados em três níveis: sistema de saúde/sociedade, comunidade e individual, sistematizados na tabela abaixo. A ocorrência de tentativas anteriores é entendida, por essa organização, como o principal fator de risco para a população em geral (OPS, 2016).

Quadro 1 – Fatores de risco de suicídio agrupados por níveis

Sistema de saúde/Sociedade
Dificuldade de acesso aos serviços de saúde; Fácil disponibilidade dos meios para concretizar o suicídio; Sensacionalismo das mídias na divulgação de casos de suicídio; Estigmatização de quem procura ajuda por tentativa de suicídio, questões de saúde mental, consumo de substância psicoativas, etc.
Comunidade
Guerras e desastres; Estresse causado pela aculturação; Discriminação; Sentimento de isolamento; Abusos, violências e relações conflituosas.
Individual
Tentativas de suicídio anteriores; Diagnóstico de transtorno mental; Consumo abusivo de álcool; Perdas financeiras; Dores crônicas intensas; Antecedentes de suicídio de familiares.

Fonte: Adaptado de (OPS, 2016, tradução do pesquisador).

Esse entendimento de níveis de risco de suicídio direciona o planejamento de diferentes estratégias de intervenção, divididas pelo mesmo manual em três classes: estratégias de prevenção universal, seletiva e indicada (OPS, 2016).

As estratégias de prevenção universal buscam ampliar o acesso aos serviços de saúde, incentivar medidas preventivas na área da saúde mental, tais como: reduzir o uso abusivo de álcool, limitar o acesso aos meios mais utilizados para o suicídio e informar os canais de comunicação sobre como divulgar casos de suicídio na mídia (OPS, 2016).

As estratégias de prevenção seletiva têm como foco os grupos de pessoas mais vulneráveis, como: pessoas vítimas de abusos de diversas ordens, afetadas por conflitos ou desastres, refugiados e imigrantes, familiares de pessoas que se suicidaram, etc. Entre essas medidas se encontram os serviços de ajuda, como por exemplo, o Centro de Valorização da Vida (OPS, 2016).

As estratégias de prevenção indicadas dizem respeito às pessoas que, em nível individual, possuem fatores de risco associados ao suicídio. Entre as ações interventivas estão uma melhor identificação e manejo de questões de saúde mental, como, transtornos mentais ou uso abusivo de substâncias psicoativas, e tratamento adequado em serviços especializados, como em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) (OPS, 2016).

Ainda com relação aos riscos de suicídio, o Ministério da Saúde (2006) elaborou documento que indica três comportamentos comuns à maioria das pessoas que se encontram sob o risco de suicídio e que o profissional da saúde deve estar atento: ambivalência, impulsividade e rigidez.

Ambivalência é compreendida como a atitude frente ao suicídio em que sentimentos conflitantes estão simultaneamente presentes. A maioria das pessoas possuem pensamentos confusos e ambíguos, em que o desejo de morrer e o desejo de viver estão presentes. O estado de ambivalência, em geral, é transitório por exigir muita energia do indivíduo e provocar sofrimento intenso, porém, esse mesmo sentimento pode impulsionar a pessoa a procurar ajuda (CVV, 2006).

Com relação à ambiguidade, vale ressaltar que, segundo Fukumitsu (2012), a maior parte das pessoas que pensam no suicídio como uma possibilidade, busca pôr fim ao sofrimento vivenciado e não a própria vida. Portanto, se o suporte necessário é ofertado, o risco de suicídio diminui.

A impulsividade se refere ao fato de que, muitas vezes, o suicídio pode ser um ato impulsivo, ou seja, transitório, podendo durar alguns minutos ou horas. Nesses casos, normalmente é desencadeado por eventos negativos do cotidiano. Se o profissional da saúde mantiver uma postura empática frente ao sofrimento trazido pelo paciente no momento da crise pode ganhar tempo e diminuir o risco de suicídio (ABP, 2014; BRASIL, 2006; FUKUMITSU, 2012).

Ao falar de impulsividade é importante distinguir a noção de causa e desencadeante. Sabe-se que não existe uma causa para o ato suicida, ele é sempre multicausal, em que diversos fatores biopsicossociais estão em interação. Entretanto, há geralmente um desencadeante para o suicídio, a ocorrência de um fato como “gatilho”, como por exemplo: uma decepção amorosa, a morte de um ente querido ou a perda de um emprego, dentre outros (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013). Nessas ocasiões deve-se ter especial atenção ao caráter impulsivo do comportamento suicida.

Os comportamentos de rigidez, por sua vez, se manifestam quando os pensamentos, sentimentos e ações da pessoa passam a funcionar de forma dicotômica, ou seja, tudo ou nada. A pessoa com ideação suicida frequentemente pensa no suicídio como única solução, não conseguindo perceber, sozinha, outras maneiras de solucionar o problema. Pensam de forma rígida e drástica, de maneira análoga a chamada “visão de túnel”, configurada como a percepção de estreitamento das opções disponíveis, sendo o suicídio percebido como única solução disponível para pôr fim ao sofrimento (BRASIL, 2006; FUKUMITSU, 2012).

Essa dificuldade em considerar outras saídas, além do autoextermínio, para pôr fim ao sofrimento, ocorre devido à alteração de percepção de si e do futuro, provocada pelo intenso sofrimento vivenciado pelo sujeito. Frequentemente, nessas ocasiões, a dor psíquica é percebida como: intolerável, inescapável e interminável. O futuro, geralmente, é visto como sombrio e há ausência ou escassez de planos de vida futuros (ABP, 2014).

O Ministério da Saúde também recomenda atenção dos profissionais de saúde às chamadas frases de alerta, frases que indicam ou relatam sentimentos comuns a várias pessoas com ideação suicida. Esses sentimentos demonstram depressão, desesperança, desamparo e desespero e são referidos como a regra dos 4D's. Entre exemplos de frases de alerta, emitidas pelas pessoas que têm ideação suicida, estão: “eu não aguento mais”; “eu sou um perdedor e um peso pros outros”; “os outros vão ser mais felizes sem mim”, entre outras (BRASIL, 2006).

Durante a avaliação dos níveis de risco, os profissionais da saúde devem estar atentos se houve tentativas anteriores. Para Fukumitsu e Scavacini (2013, p.199), “cada tentativa prévia é categorizada como um alto fator de risco a quem quer se matar e, quanto mais tentativas, maior o risco”.

A partir da avaliação clínica dos níveis de risco, detectando uma situação de crise, o profissional deve, em cada caso, tomar as medidas necessárias. Como acionar a rede de apoio, entrando em contato com familiares, amigos e/ou demais profissionais que atendem o sujeito; encaminhar para os Centros de Atenção Psicossocial, ou internação se esse for o caso (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013).

Um importante fator de proteção ao suicídio percebido por Neto (2015), encontra-se na presença de um sentido na vida. O autor diferencia o sentido da vida a partir de uma dimensão universal relacionado ao processo existencial das pessoas ao longo da vida. Enquanto sentido na vida está relacionado a uma dimensão individual, um sentido particular encontrado pelo sujeito, que pode não se configurar como um fator de proteção ao vazio existencial e, conseqüentemente, ao suicídio para outra pessoa (NETO, 2015).

O sentido da vida deve ser pensado como algo fluido e não estanque, ou seja, de acordo com o momento em que estamos no processo existencial, o sentido pode ser alterado: o que anteriormente fazia sentido, agora poderá não mais o fará, - e vice-versa (NETO, 2015, p.19).

Para esse autor, o sentido na vida pode ser compreendido a partir de quatro dimensões que se influenciam mutuamente, são elas: a individual, a social, a cultural e a espiritual. Para ele, a dimensão da espiritualidade, ou religiosidade, quando presente na experiência do sujeito, tende a atravessar as demais dimensões (NETO, 2015).

Em estudo realizado com adolescentes sobre a percepção deles sobre os fatores de risco e proteção ao suicídio e o relato de suas vivências sobre o tema, identificou-se a questão de espaços de escuta qualificada como um fator de proteção percebido pela maioria dos jovens. Para os autores, possuir uma boa rede de apoio em que o jovem se sinta seguro para falar sobre as suas dificuldades cotidianas e sentimentos, facilita a sua superação e serve como fator de proteção a conseqüências relacionadas ao suicídio (BENINCASA; REZENDE, 2006).

No período da adolescência, como dito anteriormente, o relacionamento entre os coetâneos possui papel importante na formação da identidade do jovem. Para Braga e Dell’Aglío (2013, p. 6),

[...] a convivência com os pares - especialmente na fase da adolescência, em que os relacionamentos interpessoais fora do âmbito familiar têm fundamental importância para o jovem em desenvolvimento – pode servir como importante fator de proteção ao suicídio na adolescência.

1.3 O SUICÍDIO NA MÍDIA

O suicídio frequentemente está associado, no imaginário popular, a uma questão de caráter subjetivo e individual. Porém, a sociedade possui papel fundamental na tomada de decisão do suicídio. Estudos têm verificado a relevância dos fatores culturais, na medida em que as taxas se mostram relativamente constantes ao longo dos anos em uma mesma comunidade (ROCHA; BORGES; MOREIRA, 2012).

A mídia, portanto, possui papel fundamental no entendimento do fenômeno na comunidade que está vinculada. Cada vez mais ela tem se constituído como um espaço importante na vida das pessoas na atualidade. A quantidade e a velocidade com que as informações são transmitidas crescem a cada ano com o advento de novas tecnologias. De acordo com a OMS (2000), a mídia é grande influenciadora de atitudes e comportamentos dos grupos e, portanto, possui papel fundamental na prevenção do suicídio.

Após ampla pesquisa bibliográfica sobre a influência da divulgação de casos de suicídio na mídia e o aumento dos casos de suicídio a OMS (2000, p.4) conclui que “de modo geral, existe evidência suficiente para sugerir que algumas formas de noticiário e coberturas televisivas de suicídios associam-se a um excesso de suicídios estatisticamente significativo e o impacto parece ser maior entre os jovens”.

Estudo em colaboração com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) indicou haver correlação entre a ocorrência de alguns aumentos estatísticos no número de suicídio de uma região e a divulgação de casos pela mídia. Para esses autores, alguns grupos de pessoas, como por exemplo, os jovens, são mais susceptíveis a influência midiática (IPEA,2013).

O impasse entre falar ou não falar sobre suicídio acaba, por vezes, calando a mídia. Tendo a preocupação em relação ao modo de divulgação desse tema tão delicado, foram elaboradas cartilhas destinadas aos profissionais da mídia contendo informações sobre como divulgar os casos de suicídio a fim de manter a população informada, mas não contribuir para o aumento dos casos de suicídio. Alguns exemplos dessas cartilhas são as produzidas pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2009) e pela Organização Mundial de Saúde

(OMS, 2000). Os pontos recomendados nessas cartilhas são apresentados a seguir no quadro 2.

Quadro 2 – Recomendações aos profissionais da mídia quanto à divulgação de casos de suicídio

Interpretar cuidadosamente e corretamente as estatísticas
Utilizar fontes de informação confiáveis
Não realizar generalizações
Evitar expressões como: “epidemia de suicídio”, “suicídio bem sucedido”, “cometeu suicídio”, “tentou o suicídio sem sucesso”, etc.
Não divulgar o suicídio como uma solução a problemas individuais ou coletivos
Evitar divulgar fotografias do falecido, da cena ou do método utilizado
Não divulgar o suicídio em manchetes de primeira página ou longas coberturas
Não fornecer descrições detalhadas do método utilizado ou de como ele foi obtido
Não divulgar o suicídio como inexplicável ou de maneira simplista, o suicídio é um fenômeno multicausal
Levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima
Não retratar a vítima de suicídio como mártire ou o suicídio como um ato de coragem
Conscientizar a população sobre prevenção ao suicídio, divulgando informações de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda
Tratar o suicídio como uma questão tratável
Não utilizar estereótipos religiosos ou culturais
Não atribuir culpas
Não divulgar o suicídio como um ato normal, compreensível ou de livre arbítrio, ao invés disso, relatar a história de sofrimento
Esclarecer sobre as consequências negativas físicas, psicológicas e sociais da tentativa de suicídio
Entrevistar profissionais da área de saúde mental

Fonte: Adaptado de (ABP, 2009; OMS, 2000).

A mídia possui papel de fundamental importância e responsabilidade no que tange à prevenção ao suicídio. Algumas formas de divulgação de casos de suicídio parecem ter impacto com um aumento estatístico dos casos, servindo como “gatilho” para uma audiência mais fragilizada. Portanto, os profissionais da mídia devem estar atentos às recomendações dos órgãos competentes a fim de colaborar com a prevenção do suicídio (IPEA, 2013; OMS, 2000).

2 COMPREENDENDO O SUICÍDIO NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

“A Gestalt-terapia é uma abordagem integrativa e interativa que considera o homem uma totalidade unificada que se autorregula a partir da interação com o meio” (CARDELLA, 2014, p. 112). Ou seja, a Gestalt-terapia busca romper com dualismos como mente/corpo e organismo/meio, entendendo o indivíduo holisticamente em um processo de interação constante. Essa abordagem estuda, portanto, a relação homem e o meio em que está inserido (CARDELLA, 2014).

Portanto, fatores emocionais, sociais, biológicos, históricos, cognitivos, entre outros, estão em constante retroalimentação. Esses fatores se articulam intimamente, de maneira que um desequilíbrio em uma parte impacta as demais e, por consequência, a totalidade do organismo (AGUIAR, 2014).

O indivíduo encontra-se em constante desenvolvimento ao longo de toda a sua vida, se constituindo como sujeito na e a partir da relação com o outro. A Gestalt-terapia entende o ser humano, portanto, como um constante vir a ser, ele nunca está pronto, mas sim em permanente transformação e sendo transformado nessa relação (AGUIAR, 2014).

Nesse processo de permanente desenvolvimento, o sujeito é visto como um ser de potencialidades com tendência sempre ao crescimento. Para Aguiar (2014, p. 33), “A tendência à autorregulação é comum a todo ser humano, pois é a forma que ele busca para satisfazer suas necessidades de ser relacional no mundo”.

A autorregulação, como mencionado, é conceito fundamental da Gestalt-Terapia e está presente também, com algumas diferenciações, em outras abordagens que possuem a fenomenologia-existencial como aporte teórico. Apoiar-se teoricamente no conceito de autorregulação significa acreditar nas potencialidades do ser humano e que as suas ações objetivam a harmonia e a realização, e nunca a autodestruição, em contraposição ao entendimento da psicanálise com seu conceito de pulsão de morte (LIMA, 2014).

Para Goldstein (1995, apud LIMA, 2014) autorregulação é um princípio holístico próprio do organismo. Esse autor comparava esse conceito com a homeostase estudada pela biologia, em que o corpo tende a manter estáveis as condições internas necessárias à vida.

Diante das mudanças que ocorrem no meio, o organismo tende a se modificar em busca de um retorno à situação de equilíbrio (LIMA, 2014). Portanto, segundo Lima (2014, p. 90):

O processo de autorregulação orgânica é, na realidade, uma grande forma de interação e negociação entre aquele ser que busca o fechamento e a resolução de uma situação de desequilíbrio – uma situação inacabada – por meio de uma ação no ambiente do qual o organismo é parte.

Carl Rogers, precursor da terapia centrada no cliente, concebe o processo autorregulativo a partir do conceito conhecido como tendência atualizante. Ela é entendida como a tendência, inata e presente em todos os indivíduos, de desenvolverem todas as suas capacidades. Ou seja, o indivíduo possui tendência natural ao crescimento. Essa força motriz inerente à pessoa é tida como o único postulado básico dessa abordagem psicoterápica (ROGERS; WOOD, 1978, apud FONSECA; LÔBO, 2015).

Porém, o indivíduo, em alguns momentos, por meio do mecanismo de autorregulação, não consegue atender às suas necessidades frente às demandas do meio. Nesses casos, é esperado que o indivíduo saudável realize ajustamentos criativos com vista à satisfação de suas necessidades (NUNES; HOLANDA, 2008; apud CONDE, 2016).

O ajustamento criativo é a capacidade inata do organismo em se adaptar criativamente às constantes mudanças na sua relação com o meio. É a capacidade de se responsabilizar e se engajar na condução da sua própria vida. Ou ainda, “ajustamento criativo é então a capacidade de pessoalizar, subjetivar e se apropriar das experiências que acontecem no encontro com a alteridade, processo contínuo no campo organismo/meio” (CARDELLA, 2014, p. 114).

O indivíduo em sua relação com o meio encontra necessidades de diversas ordens: física, psicológica, social, etc., porém, só uma necessidade pode ser atendida por vez. Em uma situação de emergência, ou seja, na ocorrência de algo que interrompa a necessidade originária, o equilíbrio, que é sempre dinâmico, é perturbado e o indivíduo precisa se utilizar de ajustamentos criativos para dar conta dessa situação de desequilíbrio no campo (CARDELLA, 2014; SHILLINGS, 2014).

Essa necessidade dominante que se destaca e deve ser atendida prioritariamente é como uma figura que destaca de um fundo. De maneira que quando essa necessidade não é satisfeita, a Gestalt permanece aberta e o processo de formação e satisfação de novas necessidades é interrompido. Isso prejudica a fluidez do processo de autorregulação, podendo haver a estagnação do crescimento desse indivíduo. (CARDELLA, 2014).

Para a Gestalt-terapia, o sintoma e as resistências são sempre formas de ajustamentos criativos. Diante das demandas que surgem na relação do organismo com o ambiente,

ajustamentos criativos, mesmo que disfuncionais, são a melhor maneira encontrada pelo indivíduo, naquela ocasião, para tentar atender suas necessidades (CARDELLA, 2014).

A necessidade de confirmação é básica e prioritária no desenvolvimento humano saudável (AGUIAR, 2015). Porém, ao longo da vida, a pessoa se depara com diversas situações em que a sua experiência não foi valorizada, desenvolvendo vulnerabilidades. Portanto, parte dos bloqueios neuróticos, ou ajustamentos criativos disfuncionais ocorrem porque os outros não foram capazes de entender, considerar e valorizar a experiência da pessoa (HYCNER, 1995).

O processo defensivo conhecido como resistência, no processo psicoterapêutico, é uma das possibilidades de ajustamento criativo disfuncional, na medida em que evita um comportamento e interrompe o fluxo de contato. Porém, o Gestalt-terapeuta precisa ser capaz de reconhecer a sabedoria da resistência. Pois ela é uma proteção do organismo frente a possíveis ameaças provocadoras de sofrimento (GALLI, 2009; SHILLINGS, 2014).

Os ajustamentos criativos disfuncionais podem se configurar como adoecimento psíquico e é compreendido pela Gestalt-terapia como um estado do indivíduo, que sinaliza uma perda de equilíbrio interior. Esse desequilíbrio é percebido pelo corpo ou pela mente em forma de sintoma. Portanto, o sintoma é importante transmissor de informações e exige a atenção do terapeuta, sinalizando o que provoca sofrimento no sujeito (GALLI, 2009).

O sintoma é, na maioria das vezes, a queixa inicial de um processo psicoterápico. Nesses casos, a família, ou o próprio cliente, chega muitas vezes com a expectativa de cura do sintoma. Em Gestalt-terapia ele não será tido como um problema em si a ser resolvido, mas sim, será compreendido como um ajustamento, uma maneira criativa da pessoa, de lidar com as dificuldades utilizando os recursos que possui (AGUIAR, 2015).

O psicoterapeuta deverá, então, compreender de que forma esse sintoma, essa parte, se relaciona com esse todo. Focalizar o sintoma simplesmente como objeto de intervenção pode, não só prejudicar a relação terapêutica com esse cliente, que pode se sentir perseguido ou não compreendido pelo terapeuta, como a partir de então, poderão se fazer necessário ajustamentos disfuncionais outros que acabem prejudicando ainda mais o estar no mundo do cliente. O terapeuta deve estar atento em suas escolhas clínicas que o sintoma existe por um motivo e não é aleatório (AGUIAR, 2015).

“A Gestalt-terapia busca não corrigir os comportamentos dos clientes, mas compreender o comportamento disfuncional que é vivenciado como conflito e crise” (FUKUMITSU, 2017, p. 88).

Desse modo, a Gestalt entende a manifestação sintomática como uma tentativa de retorno a uma situação de equilíbrio, por acreditar na sabedoria orgânica. O incômodo gerado pelo sintoma é o que leva, muitas vezes, a pessoa a procurar ajuda terapêutica (AGUIAR, 2015).

Nesse sentido, pode-se entender que a pessoa que concebe o suicídio como uma possibilidade para pôr fim ao sofrimento existencial também está se utilizando de ajustamentos criativos, mesmo que disfuncionais, na medida em que “a pessoa suicida não busca a morte, mas, sim, outra maneira de viver” (FUKUMITSU, 2012, p. 90).

Para a Gestalt-terapeuta Fukumitsu (2017), quando o sofrimento existencial se torna mais do que o sujeito consegue lidar, a energia agressiva pode ser mal canalizada e agir contra o próprio sujeito, o que a abordagem chama de retroflexão disfuncional. Para essa autora, [...] toda autodestruição representa um grito do sofrimento existencial que clama por acolhimento, escuta e respeito (FUKUMITSU, 2017, p. 77).

Com isso, na tentativa de pôr fim ao sofrimento intenso, percebido pelo sujeito como figura, ele acaba pondo fim à própria vida. A terapia pode conduzir o cliente a perceber que seu sofrimento, por mais intenso que seja, é a “parte” de um conjunto de experiências e que a sua vida é o “todo”. (FUKUMITSU; SCAVACINI, 2013).

Por essa razão é de fundamental importância que o psicoterapeuta em vez de questionar as causas dos comportamentos suicidas, deve tentar entender com o cliente o significado dessa intenção, discutir as fantasias envolvidas nesse processo. O acolhimento ao cliente, bem como a exploração do planejamento de suicídio, incluindo datas e local, podem ajudar na prevenção. Dessa maneira, psicoterapeuta e cliente poderão encontrar juntos alternativas que favoreçam outros ajustes criativos (FUKUMITSU, 2012).

Aqui, vale ressaltar que alguns casos de tentativa de suicídio ocorrem em datas comemorativas como: aniversários, casamentos, feriados, enfim, datas que possuem significado para o sujeito (FUKUMITSU, 2012). Essas datas são chamadas de reações de aniversário e são entendidas como uma forma particular de luto patológico em que processos autodestrutivos são eliciados (CASSORLA, 2004; apud FUKUMITSU 2012).

2.1 PSICOTERAPÊUTICA EM CASOS DE COMPORTAMENTOS SUICIDAS

Os comportamentos suicidas possuem um caráter de comunicação do sofrimento intenso vivenciado pelo sujeito em forma de pedido de socorro, ou o que Fukumitsu (2017, p. 88) chama de um “apelo para um resgate existencial”. Para essa autora, “[...] toda autodestruição representa um grito do sofrimento existencial que clama por acolhimento, escuta e respeito” (FUKUMITSU, 2017, p. 77).

Para isso, Fukumitsu (2014) propõe três fases para o manejo terapêutico em situações de crises suicidas. São elas: perguntar e explorar; compreender, confirmar e acolher; encaminhar e acompanhar.

A primeira fase consiste em ouvir com atenção os motivos que levam ao indivíduo considerar o suicídio como opção, entender as fantasias e quais problemas o suicídio supostamente resolveria. Nessa etapa deve-se explorar abertamente a intenção do suicídio por meio de perguntas diretas e francas como: “Você pensa em se matar? Está tão difícil que você quer acabar com sua vida?”. Além disso, também deve ser explorado se há e como se dá o plano suicida com perguntas como: “Como você pensa em se matar? Você já tem um plano? Por que meio deseja se matar? Você já tem alguma data para se matar?” (FUKUMITSU, 2014, p. 273).

Essas e outras perguntas não têm por objetivo servir como um roteiro de investigação da vida do sujeito, mas sim desmistificar o falar sobre o suicídio. Essas questões surgirão no encontro com o outro e a partir do assunto do sofrimento existencial trazido pelo cliente. Para a autora, ser terapeuta é respeitar o momento do cliente. É pedir licença ao entrar pela porta que o cliente indica ser a de entrada. “É crer na autorregulação e é ter fé na relação que é construída com o cliente no seu devido tempo” (FUKUMITSU, 2012, p. 92).

A segunda fase tem como objetivo:

Fazer uma compreensão do significado do ato suicida, explorando sentimentos e pensamentos do cliente, acolhendo o sentimento de impotência e solidão e confirmando que a situação é difícil e, por isso, ele imagina que sua morte poderia ser a única alternativa (FUKUMITSU, 2014, p. 273).

A autora recomenda que nesse momento, o psicoterapeuta deve buscar manter uma postura tranquila e acolhedora. Por meio da escuta ativa, sentimentos de ambivalência poderão surgir e serem explorados.

E por fim, na terceira fase a Gestalt-terapeuta recomenda compartilhar a sua preocupação com o cliente e com a possibilidade dele se matar. Uma das sugestões da autora

é a realização de um contrato de vida, em que o cliente se compromete em comunicar ao terapeuta e a outras pessoas de confiança sobre a intenção de pôr fim a própria vida. Ou seja, envolver a rede do cliente: familiares, amigos, profissionais que o acompanham com o objetivo de diminuir a probabilidade de tentativas de suicídio (FUKUMITSU, 2014).

Ainda durante a terceira fase, o acompanhamento psicológico consiste em “explorar e levantar, com o cliente, as possibilidades existenciais para que busque sentido para sua existência” (FUKUMITSU, 2014, p. 274). Ou seja, ao longo de todo o processo, o psicoterapeuta deve acolher os momentos de dúvida, as ambivalências, a falta de sentido na vida e falta de fé em si mesmo (FUKUMITSU, 2014).

Essa divisão do manejo psicoterapêutico em casos de crise suicida em fases não tem por objetivo servir como um guia de forma a tornar a atuação do terapeuta rígida. A autora, em trabalho mais recente, destaca que a sua principal conduta nessas situações é estimular que a pessoa amplie suas possibilidades existenciais, de modo a buscar novas formas de se sentir vivo e se reinventar na busca de uma “tolerância existencial para encontrar seu modo mais espontâneo” (FUKUMITSU, 2017, p. 88).

Nessa busca de reinvenção de si, o fazer terapêutico não se dá a partir da simples aplicação de técnicas, mas sim, a partir de uma relação terapêutica autêntica. Para isso,

O cliente necessita experienciar profundamente em seu íntimo que o terapeuta o compreendeu ou, pelo menos, que está fazendo um esforço humanamente possível para compreendê-lo. É somente a disposição dos dois participantes de se engajarem neste tipo de aliança e vínculo que irá permitir que o ambiente terapêutico seja verdadeiramente curativo (HYCNER, 1995, p. 112).

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A presente pesquisa qualitativa busca compreender o fenômeno do suicídio na adolescência por meio do uso de método fenomenológico de estudo. Para tanto, foi realizada a análise da primeira temporada da série “13 Reasons Why” ou, como foi traduzida para o Brasil: “Os Treze Porquês”.

Pretende-se fazer uso de uma metodologia qualitativa por acreditar que uma questão importante e própria das ciências sociais é a identidade entre o sujeito e o objeto de pesquisa. Tanto o pesquisador (sujeito) quanto o participante (objeto de pesquisa) são seres humanos, inseridos em contextos culturais específicos, ou seja, a natureza do objeto de estudo é dinâmica e complexa. Por esse motivo, não é possível pensar em uma ciência neutra, na qual a subjetividade do pesquisador possa ser simplesmente excluída do processo (GONZÁLEZ REY, 2005; MINAYO, 2007).

A pesquisa qualitativa possui como pressupostos básicos, portanto, a inclusão da subjetividade dos envolvidos, pesquisador e sujeito de pesquisa. Além de uma visão holística, que abrange diversos fenômenos inter-relacionados com o fenômeno pesquisado como aspectos sociais, culturais, econômicos, etc. (HOLANDA, 2006).

Como procedimento de estudo, buscar-se-á se valer do método fenomenológico de investigação. Para Holanda (2006, p. 371):

O método fenomenológico constitui-se numa abordagem descritiva, partindo da idéia de que se pode deixar o fenômeno falar por si, com o objetivo de alcançar o sentido da experiência, ou seja, o que a experiência significa para as pessoas que tiveram a experiência em questão e que estão, portanto, aptas a dar uma descrição compreensiva desta.

Neste trabalho será utilizado o modelo de pesquisa proposto por Giorgi (1985) conhecido como: fenomenologia empírica ou fenomenologia experimental. Esse autor coordenou diversos grupos de pesquisa e desenvolveu o trabalho fenomenológico em quatro passos bem definidos (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

O primeiro passo ou sentido do todo “corresponde à leitura de toda a descrição a fim de alcançar o sentido geral do todo” (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 266). Para isso, o pesquisador deve buscar deixar de lado suas hipóteses a priori, se colocando aberto à descoberta da novidade que surge na pesquisa. Porém, deve-se considerar que essa busca por distanciamento nunca é alcançada de maneira absoluta (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

O segundo passo proposto por Giorgi (1985) propõe a discriminação de unidades significativas com base em uma perspectiva psicológica e focada no fenômeno que é pesquisado. Esse passo consiste na “releitura do texto - tantas vezes quanto necessárias - com o objetivo de discriminar as unidades significativas na perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno que está sendo pesquisado” (ANDRADE; HOLANDA, 2010, p. 266).

A realidade concreta observada deve ser analisada a partir de unidades significativas produzidas durante a pesquisa. Não é possível analisar o fenômeno, nessa perspectiva, de uma só vez. É preciso dividi-lo em unidades, percebidas pelo pesquisador como relevantes para o estudo do fenômeno em questão, lembrando que essa escolha não está desconectada da subjetividade do pesquisador, como já mencionado (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

O terceiro passo consiste na transformação das expressões cotidianas do sujeito em linguagem psicológica com ênfase no fenômeno que está sendo investigado. Nesse passo o pesquisador analisa o sentido psicológico contido em cada unidade significativa encontrada no passo anterior. De acordo com Andrade e Holanda (2010, p. 266), “a realidade psicológica não está pronta no mundo, ela precisa ser constituída pelo psicólogo, sempre lembrando que o mundo cotidiano é mais rico e mais complexo do que a perspectiva psicológica [...]”.

O quarto e último passo proposto por Giorgi (1985) tem por objetivo a síntese das unidades significativas transformadas em uma declaração consistente da estrutura do aprendizado. Nesse passo, o pesquisador deve sintetizar, de preferência, todas as unidades significativas de modo que elas se tornem condizentes com o significado psicológico do fenômeno em questão. Após esse momento, a estrutura da experiência construída no estudo deve ser compartilhada na comunidade acadêmica com a finalidade de aprimoramento por confirmações ou críticas dessas (ANDRADE; HOLANDA, 2010).

Neste estudo será utilizado um material cinematográfico de grande audiência, principalmente entre o público jovem. As produções cinematográficas são artefatos culturais, produzidos na cultura e pela cultura. Portanto, há íntima relação entre o enredo, mesmo que fictício, e a vivência das pessoas da comunidade em que a obra foi produzida e o público que ela busca atingir (CRUZ; GUARESCHI, 2007).

Dessa forma, o significado de um filme, ou de uma série, é produzido em relação ao público. O significado de uma obra cinematográfica não é algo dado, único, que necessita ser descoberto pela audiência. Cada espectador produzirá um significado totalmente único para o texto com base nas suas experiências subjetivas (CRUZ; GUARESCHI, 2007).

Tendo isso em vista, a dificuldade em estudar a temática do suicídio em seres humanos, pela possível mobilização emocional e a grande repercussão da série, escolheu-se, metodologicamente, pela análise da obra: “13 Reasons Why” ou “Os Treze Porquês”. Após a realização do primeiro passo da pesquisa fenomenológica, os treze episódios da primeira temporada foram resumidos (Apêndice) como forma de auxiliar a análise do material cinematográfico.

A grande repercussão dessa série mobilizou o debate de diferentes posicionamentos, tanto de profissionais, quanto da sociedade em geral, em direção às maneiras de tratar do tema suicídio e os possíveis impactos dessa série entre o público jovem.

Este trabalho não pretende dar uma resposta única e definitiva para os diversos questionamentos que surgem.

Sabemos que todas as abordagens psicológicas revelam importantes facetas da condição humana; é importante enfatizar, porém, que nenhuma teoria dá conta do humano, mistério encarnado e singularizado. A totalidade da pessoa jamais pode ser nomeada ou capturada integralmente (CARDELLA, 2014, p.108).

Dessa maneira, busca-se discutir criticamente esse tema de enorme relevância, tendo como base esse material cinematográfico, utilizando o método fenomenológico de pesquisa. Busca-se debater mais um olhar sobre o tema, objetivando ampliar a compreensão desse fenômeno.

3.1 SÍNTESE DO SERIADO QUE SERÁ ANALISADO NESTE ESTUDO

A série “13 Reasons Why” é uma produção norte-americana de 2017 dividida em treze episódios de, aproximadamente, uma hora cada e pertence ao gênero cinematográfico drama. A série foi inspirada no livro homônimo de Jay Asher de 2007 e adaptada por Brian Yorkey para a Netflix.

A trama conta a história da protagonista Hannah Baker, uma adolescente recém-chegada na cidade, do sofrimento vivenciado por ela até o seu suicídio e a repercussão de sua morte para as pessoas do seu convívio. Os episódios narram as suas vivências em diferentes contextos e situações: família, escola, interação com coetâneos, relacionamentos amorosos, dentre outros.

Hannah é novata na escola e se torna alvo de diversos tipos de situações provocadoras de sofrimento como: *bullying*, machismo, preconceito, assédio moral, violência sexual, entre outras. A série mostra, em 13 episódios, o desenvolvimento psicossocial da personagem

principal ao longo de dois anos e a sua experiência de intenso sofrimento, que não foi percebido pelas pessoas próximas a ela.

Antes de se suicidar, ela deixa treze fitas cassetes contando os motivos que a levaram a pôr fim à própria vida. As fitas são destinadas aos colegas da escola que, de alguma maneira, ela acredita que foram responsáveis por seu suicídio.

A escolha dessa série, no presente estudo, deveu-se ao fato de ela ser representativa do tema tratado por esta pesquisa. Além disso, ela obteve grande audiência entre o público juvenil e mobilizou diversos posicionamentos divergentes. A série repercutiu na mídia, no posicionamento de profissionais da área da saúde e da sociedade em geral. Os debates polemizaram sobre como a audiência juvenil receberia as informações contidas na série e as quais seriam as possíveis consequências para a sua saúde mental dessa população.

Além dessas razões, para escolha da obra cinematográfica considerou-se também a dificuldade de investigar sobre o tema diretamente com adolescentes, por meio de entrevistas, por se tratar de tema complexo e possível mobilizador de riscos para os participantes da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destaca-se que os diálogos utilizados para análise e discussão dos dados foram transcritos diretamente dos episódios da série “Os Treze Porquês” e serão destacados em itálico para facilitar compreensão do leitor.

Para a análise da série, a pesquisadora assistiu aos 13 episódios da série por duas vezes e reviu trechos específicos por repetidas vezes, sempre que necessário, realizando transcrição dos diálogos que mereceram destaque na análise dos dados. Os resumos dos treze episódios da primeira temporada constam no apêndice deste trabalho.

Após essa etapa foram criadas duas unidades de significado, a saber: a) Sinais de alerta e fatores de risco ao suicídio; b) Sofrimento existencial e tentativas de ajustes criativos frente ao sofrimento, conforme discussão realizada a seguir.

4.1 SINAIS DE ALERTA E FATORES DE RISCO AO SUICÍDIO

Os sinais de alerta em relação a comportamentos suicidas são trazidos ao longo da série em diversos momentos, especialmente no quarto episódio. Esse episódio mostra a cena de uma palestra ministrada pelo conselheiro escolar e destinada aos pais, para que eles possam estar atentos a esses sinais dentro de casa. Em uma de suas falas, o conselheiro diz: *“Alterações de humor. Recusa em participar de atividades em grupo, mudanças na aparência...queda de notas e abuso de substâncias. Prestar atenção a esses sinais de alerta pode ajudá-los a prevenir que seus filhos cometam um erro terrível”*.

Alguns desses sinais são apresentados pela protagonista ao longo da série. O conselheiro, inclusive, em um momento que conversa com Hannah Baker relata preocupação com as suas notas que estão piores. Porém, não busca entender o que está relacionado a esse fato. Em vez disso, durante a conversa, o assunto é desviado e Hannah fala sobre seu desejo de cursar uma faculdade concorrida e o profissional apenas a aconselha a pensar em opções menos almejadas pelos demais estudantes.

Diversos autores e instituições da área de saúde enumeram sinais de aviso/alerta para o suicídio. Pereira (2005), em relação ao suicídio na adolescência lista alguns, como: isolamento social; falar sobre morte ou suicídio; mudanças na personalidade; dificuldade de concentração; entre outros.

Ao longo da série é possível observar mudanças em Hannah indicativas de um possível sofrimento. No início da temporada ela se mostra uma jovem comunicativa e ao passar dos episódios observa-se que há um retraimento e ela se afasta de relacionamentos com amigos e familiares. Isso é possível perceber a partir de uma das falas da jovem em que diz: *“Eu só precisava ficar sozinha. Estava começando a ser mais do que eu podia suportar”*.

Para a OMS, pessoas com comportamento suicida demonstram, frequentemente, sentimentos em comuns, são eles: depressão, desesperança, desamparo e desespero. A organização se refere a eles como a regra dos 4 D's (OMS, 2006).

No decorrer das fitas produzidas pela protagonista, antes do suicídio, é possível identificar alguns desses sentimentos. Como quando ela escreve um bilhete anônimo na aula de comunicação que diz: *“E se o único jeito de não se sentir mal for parar de sentir qualquer coisa para sempre?”*. Ou também na cena em que a jovem vai até o cemitério, observa os epitáfios e imagina o que estaria escrito em sua própria lápide.

Fukumitsu (2013) alerta para o fato de que, é comum, a pessoa que possui a intenção de se matar, organizar situações inacabadas em sua vida antes de se matar. Hannah, nos momentos que antecedem a sua morte, coloca algumas coisas em ordem, como por exemplo, devolve o seu uniforme de trabalho, organiza as fitas e deixa o pacote na casa de Tony, e deixa outro pacote no correio.

Após organizar essas questões inacabadas, a protagonista vai até a farmácia de seus pais, pega uma lâmina de barbear, vai até a sua casa, coloca uma roupa velha, enche a banheira de água e realiza cortes verticais até a morte. Para a OPS (2016), a fácil disponibilidade dos meios para concretizar o suicídio é um importante fator de risco.

Essa organização também entende como fator de risco ao suicídio um momento de perdas financeiras. A série retrata a família de Hannah passando por dificuldades financeiras e como isso impactava no seu cotidiano. Outro fator de risco apresentado é a presença de relações conflituosas. Conflitos relacionais, principalmente entre os seus pares, fazia parte do cotidiano da protagonista.

A influência dos pares possui papel fundamental na constituição de ser no mundo do adolescente. Esse é um período, em geral, de intensa sociabilidade, pois o grupo de amigos tende a ser significativamente maior e mais valorizado do que na infância. Ao mesmo tempo, é um período descrito pelos jovens como de intensa solidão. As amizades, nessa fase,

geralmente, são difíceis, pois todos estão passando por um momento de rápidas transformações (PEREIRA, 2005).

Na série, diversas situações ilustram essa dificuldade nas relações entre os jovens. Eles estão aprendendo um modo de socialização e nesse processo, conflitos são frequentes. Um exemplo disso, são as brigas de Hannah e Jessica que acabam se afastando. Hannah acredita que Jessica possui relação com a lista escrita por alguns meninos da classe em que escolhem Hannah como “melhor bunda”. Jessica, por outro lado, culpa a amiga pelo término de seu namoro com Alex. Após uma sucessão de mal entendidos e uma grande dificuldade de comunicação entre as duas, a amizade acaba sendo desfeita.

Ao olhar para as relações entre adolescentes, também deve-se considerar o momento atual contemporâneo. Os modos de se relacionar na pós-modernidade favorecem a cristalização de relações do tipo Eu-Isso, como proposto por Martin Buber. Nesse modo, há uma consciência de si, mas não da alteridade. O outro é visto como objeto para a satisfação dos próprios interesses (CREMER, 2015).

Nesse contexto, relações violentas são perpetuadas na sociedade, e isso repercute na escola, como por exemplo, em casos de *bullying*. Esse é um tema bastante abordado pela série em questão. No último episódio, alguns adolescentes são interrogados e falam sobre as experiências de *bullying* sofridas por eles e por Hannah.

Ao perguntarem ao personagem Tyler sobre o assunto, o jovem diz: “*Eu diria que o clima na Escola Liberty, como eu mesmo tenho vivenciado é ruim. [...] Eu me fodo todos os dias. As pessoas me batem e me jogam contra as paredes. Me trancam nos banheiros e puxam minhas calças para baixo*”. O advogado então pergunta: “*Já ouviu alguém na Liberty ser desagradável com a Hannah?*”. “*Sim. [...]. Isso acontecia o tempo todo. Os caras a chamavam de vagabunda e diziam que ela era fácil, esse tipo de coisa*”.

Na literatura científica, *bullying* é um tema que tem sido estudado recentemente por diversas áreas do saber. De acordo com Fante (2005, p. 21 apud CREMER, 2015), “*bullying* é uma forma de violência velada, que ocorre por meio de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima”.

O *bullying* é entendido como o assédio moral escolar. Essas agressões se dão a partir de uma diferença de poder entre os seus integrantes. Normalmente, a pessoa que se encontra no papel de vítima não possui recursos suficientes para contornar a situação de violência (CREMER, 2015).

A lista de “melhores/piores peitos/bunda” produzida por alguns estudantes da escola da protagonista é exemplo disso. Além disso, Hannah sofreu ofensas verbais, como ser chamada de “vadia” e “fácil”, abusos físicos, e abuso sexual, que pode ser evidenciado, por exemplo, na cena em que Bryce lhe assedia fisicamente em local público. Observa-se que Hannah sofre com tais agressões, mas não consegue se defender.

Estudos têm verificado uma relação entre vivências desse fenômeno e suicídio de jovens. Para Cremer (2015, p. 114), “alunos que sofrem esse tipo de violência tem tido dificuldade em frequentar a escola, apresentam sintomas físicos de mal-estar e podem até mesmo cometer suicídio”. Isso colabora com os fatores de risco de suicídio trazidos pela Organização Panamericana de Saúde. Entre eles, discriminação, violências e abusos são entendidos como importantes fatores de risco (OPS, 2016).

De acordo com Bauman (2008), a sociedade contemporânea é uma sociedade confessional. Ou seja, facetas que antes se restringiam ao âmbito do privado, cada vez é mais estimulado que sejam expostas publicamente. Aliado a isso, as novas tecnologias fazem parte do cotidiano da maioria dos jovens retratados na série. Em relação a isso, Hannah em um momento da série diz: *“Facebook, Twitter, Instagram... eles transformaram a gente numa sociedade de perseguidores. E nós adoramos”*.

Uma prática perigosa que tem ganhado visibilidade com as novas tecnologias, principalmente entre o público jovem, é a chamada: *sexting*. Corresponde à veiculação de fotos ou vídeos com cenas de sexo ou exposição de corpos em posição erótica sensual. Essa prática pode ocorrer quando a própria pessoa envia esse conteúdo para alguém de sua confiança e essa pessoa divulga sem o consentimento de quem está sendo representado ou quando esse sequer sabe que está sendo filmado ou fotografado (COSTA, 2016).

Em duas situações representadas na série, Hannah é vítima dessa prática. A primeira ocorre quando ela e Justin se beijam no parquinho e ele tira uma foto da garota em que aparece as suas roupas íntimas. Na segunda, Tyler fotografa momento em que a protagonista e a amiga Courtney estão se beijando. Em ambas as situações as imagens foram divulgadas para vários colegas e trouxeram consequências negativas para as pessoas em questão.

Para Costa (2016, p. 187),

Algumas pessoas, vítimas desse tipo de atitude eticamente destrutiva, entram em estado de depressão, perdem a vontade de viver, sentem vergonha de sair e continuar suas relações de convívio normal, em razão da publicização de sua privacidade, chegando algumas vezes ao extremo de praticar suicídio [...].

Nesse contexto, manifestações de violência, como o *bullying*, são veiculadas por meio dessas novas tecnologias. Esse fenômeno recebe o nome de *cyberbullying* e uma importante característica dele é o suposto anonimato em que a pessoa que o pratica se percebe (COSTA, 2016).

No segundo episódio da série, a mãe de Hannah encontra a lista de “melhores/piiores peitos/bunda” em que o nome da filha consta como “melhor bunda” e vai mostrar ao pai da jovem. Pode-se observar no trecho do diálogo abaixo a percepção do pai de Hannah de um suposto anonimato em relação a violências cometidas virtualmente. Essa crença faz parte do imaginário social contemporâneo e colabora com uma concepção errônea de impunidade em relação a essas práticas (COSTA, 2016).

Pai de Hannah: - *“Não é nada. No máximo um elogio”*.

Mãe de Hannah: - *“Um elogio? Eu acho que não. Lembra o que vimos no Facebook dela? O que estava escrito?”*.

Pai de Hannah: - *“Ela tinha alguns colegas desagradáveis”*.

Mãe de Hannah: - *“Ela sofreu agressões. Isso é intimidação!”*.

Pai de Hannah: - *“Não sei se o tribunal entenderá assim”*.

Mãe de Hannah: - *“Com todo o resto...”*.

Pai de Hannah: - *“Que resto? Algumas mensagens? Posts do Facebook? Comentários online? Uma foto da nossa filha em um parquinho com insultos anônimos que podem ter saído de qualquer lugar? Não fazemos ideia do que aquilo significa, ou quem escreveu, ou de onde veio”*.

Além disso, também se pode observar uma desvalorização por parte do pai em relação ao assédio sofrido por Hannah, quando ele diz: *“Não é nada. No máximo um elogio”*. Essa fala revela um entendimento sobre a objetificação do corpo feminino como algo natural e um não reconhecimento das possíveis repercussões disso. A mãe, por outro lado, possivelmente pelas vivências pessoais sendo mulher discorda que isso seja um elogio. Quando o pai fala isso a sua expressão facial é de surpresa e diz: *“Um elogio? Eu acho que não”*.

Ao mesmo tempo, pode-se constatar que as escolas frequentemente reforçam os estereótipos de gênero ao tratar diferenças entre meninos e meninas a partir de uma concepção essencialista. De acordo com Louro (2011), os profissionais da educação, em geral, são capazes de perceber uma tendência dos meninos em “invadir” os espaços das meninas e de

interrompê-las em diferentes contextos escolares. Porém, na maioria das vezes, esses comportamentos masculinos são entendidos como naturais, perpetuando assim, relações de poder desiguais entre os gêneros.

Hannah, em uma de suas fitas, fala sobre essa prática naturalizada no contexto escolar: *“É assim que funciona no ensino médio: garotos falam, garotas escutam”*. A concepção por trás dessas práticas é de um gênero masculino dominante e de um feminino dominado. Essas relações desiguais perpassam a socialização de meninos e meninas em diferentes contextos e ao longo de toda a vida, não se restringindo ao ambiente escolar (LOURO, 2011).

Em um contexto de relações desiguais entre os gêneros, a violência muitas vezes é legitimada. Como observado na cena em que Clay pergunta para Bryce se Hannah havia consentido a relação sexual e ele diz: *“Ela não precisava. Garotas fazem joguinhos. [...] Ela veio para a minha festa. Minha. Ela entrou na banheira comigo, sem biquíni. Ela fez cara de quem queria”*. Ou então na fala de Bryce para Justin antes daquele estuprar Jessica: *“Ela é sua transa de verão. O que é meu é seu”*.

Um erro comum no senso comum é acreditar que comportamentos violentos como os de Bryce são causados por questões exclusivamente individuais como, por exemplo, uma psicopatia. Essa concepção aliena para o fato de que questões de gênero, machismo, patriarcado, violências sexuais, homofobia, entre outras, estão inter-relacionadas em um fenômeno social complexo (SOUSA, 2017).

No trecho abaixo de um diálogo entre Hannah e o conselheiro escolar, é possível observar o despreparo desse profissional para lidar sobre temáticas relacionadas a gênero e a violência sexual.

Hannah fala sobre a lista de “melhores e piores” e que as pessoas reagiram a ela. Começa a falar que houve uma festa quando o telefone do conselheiro toca novamente. Ele demonstra estar desconfortável com o assunto.

Hannah: - *Não quer falar sobre isso, quer?*

Conselheiro: - *Não, eu quero. Ouça Hannah, não vou julgá-la, mas aconteceu algo naquela noite de que você se arrependeu?*

Hannah: - *Sim.*

Conselheiro: - *Está com vergonha do que aconteceu?*

Hannah: - *Sim.*

Conselheiro: - *Talvez tenha tomado uma decisão?*

Hannah: - *Não, eu...*

Conselheiro: - *Uma decisão de fazer algo com um garoto e agora se arrepende.*

Hannah: - *Meu Deus, não! É isso que está pensando?*

Telefone do conselheiro toca novamente. Ele pergunta sobre consumo de drogas na festa.

Conselheiro: - *Ele agiu contra sua vontade?*

Hannah: - *Eu acho que sim.*

Conselheiro: - *Você acha que sim? Mas não tem certeza. Você disse para ele parar?*

Hannah: - *Não.*

Conselheiro: - *Você disse “não” para ele?*

Hannah: - *Não.*

Conselheiro: - *Talvez tenha consentido e depois mudou de ideia.*

Hannah (irritada): - *Não, não foi assim!*

Conselheiro pergunta se deve avisar os pais da garota ou a polícia, ela nega. Ele pergunta o nome do garoto e diz que precisa saber para comunicar a polícia. Hannah pede para ele prometer que ele irá para a cadeia, mas ele diz que não pode prometer isso.

Conselheiro: - *Se não puder me dar um nome... Se não quiser prestar queixas contra esse garoto... Se nem sabe se pode prestar queixas... Então só uma opção.*

Hannah: - *Qual é?*

Conselheiro: - *Não estou tentando ser ríspido, Hannah, mas... você pode seguir em frente.*

Hannah: - *Quer dizer... não fazer nada.*

Conselheiro: - *Ele é da sua turma?*

Hannah: - *Ele é do terceiro ano.*

Conselheiro: - *Significa que ele irá embora em alguns meses.*

Hannah (irritada): - *Está brincando comigo?*

O conselheiro diz que acredita nela, mas que se ela não confrontar o garoto, só resta a opção de seguir em frente. Hannah sai da sala e espera que ele vá atrás dela, mas ele não vai.

Pesquisa relacionada a abusos sexuais e a tentativas de suicídio na adolescência indica que o despreparo de profissionais que atuam diretamente com esse público se configura como grande obstáculo. Para a autora, é frequente eles não estarem atentos aos sinais apresentados pelo adolescente durante o atendimento. Uma hipótese levantada é que esses profissionais não conseguem separar os seus preconceitos pessoais daquilo que o adolescente deseja comunicar (KEHDI, 2012).

Esse despreparo pode ser percebido no diálogo acima entre o conselheiro escolar e Hannah. O profissional demonstra ficar desconfortável quando a jovem começa a falar sobre assuntos que perpassam as questões de gênero e sexualidade. Hannah percebe esse desconforto: *“Não quer falar sobre isso, quer?”*, o que o conselheiro nega. Após isso, ele presume que a relação sexual foi consentida, sem que a adolescente dê indícios para isso. A sexualidade é um tema tabu e a violência sexual não é diferente.

Quando o autor da violência sexual faz parte do ciclo social do adolescente, o risco de comportamentos suicidas é maior. Esse risco também aumenta quando um adulto, não envolvido no ato abusivo, compactua de alguma maneira com a situação de violência, desprotegendo o adolescente em questão (PLUNKET, 2001 apud KEHDI, 2012).

Os dados trazidos por esse estudo são observados na série ficcional em questão. A violência sexual relatada por Hannah nesse trecho se refere ao estupro cometido por seu colega Bryce. Ele e Hannah estudam na mesma escola e possuem amigos em comum. Além disso, como percebido na conversa da jovem com o conselheiro, o profissional compactuou com a violência ao não acreditar que o ato não foi consentido e sugerir: *“Não estou tentando ser ríspido, Hannah, mas... você pode seguir em frente”*.

4.2 SOFRIMENTO EXISTENCIAL E TENTATIVAS DE AJUSTES CRIATIVOS FRENTE AO SOFRIMENTO

O início do sétimo episódio da série se inicia com a gravação de Hannah Baker em que ela fala um pouco sobre como está se sentindo em relação à solidão: *“Humanos são uma espécie sociável. Contamos com conexões para sobreviver. Até as interações sociais mais básicas ajudam a nos manter vivos. As estatísticas provam que o sentimento subjetivo de solidão pode aumentar a probabilidade de morte prematura em 26%”*.

Essa fala da protagonista corrobora com a visão da Gestalt-terapia. Para a abordagem, o ser humano se constitui na e pela interação com os outros. A partir das experiências vividas no relacionamento com outras pessoas, se constrói as representações de si e do outro. (AGUIAR, 2014; BRITO, 2017). Assim, “A presença e o olhar do outro são essenciais para que nos fundemos. Nosso existir demanda o testemunho do outro” (FRAZÃO, 2017, p. 25).

Hannah Baker, ao longo da série, não é confirmada enquanto pessoa e não consegue ter a sua dor ouvida pelos outros à sua volta. Isso ocorre inclusive na sua relação com seus pais. Em algumas cenas identifica-se que eles não conseguem dar a devida atenção à filha enquanto estavam envolvidos com as dificuldades financeiras da família.

Além disso, em um momento crítico, após presenciar o estupro da amiga Jessica e se sentir responsável pela morte recente do colega Jeff em um acidente automobilístico, Hannah tenta conversar sobre o que aconteceu com o amigo Clay. Porém, o jovem estava abalado emocionalmente com a morte do amigo Jeff e envolto na própria dor, não conseguiu, naquele momento, acolher o grande sofrimento da protagonista. Ele então diz: *“Por que está chorando? Você mal o conhecia [...]. Todo drama precisa ser seu, ou não conta. De algum jeito isso tem a ver com você. É incrível”*. E sai de perto da amiga.

A confirmação, para a Gestalt-terapia, é tida como uma necessidade básica e prioritária aos seres humanos, ao aceitar a pessoa como ela é (AGUIAR, 2015). Para Frazão (2017), a confirmação ocorre quando o outro é validado como existente e, portanto, sujeito a erros, incertezas e dotado de potencialidades criativas.

A confirmação aceita a pessoa como ela é e também confirma seu potencial vital e de crescimento. A pessoa se manifesta em um dado momento de certa forma, mas essa não é a única manifestação possível do seu ser (YONTEF, 1998, p.210 apud AGUIAR, 2015).

Por estar vivenciando momentos de intenso sofrimento existencial, Hannah apresentava um discurso, muitas vezes queixoso. Clay, por já ter presenciado algumas dessas queixas da jovem, e também por se encontrar em um momento de bastante fragilidade emocional, Clay não conseguiu ofertar a confirmação que a amiga necessitava no momento. Assumindo dessa forma, que o discurso queixoso era a única manifestação de Hannah como pessoa.

No início da décima primeira fita, Hannah fala sobre a admiração que sente por Clay por ele se permitir ser quem ele é, enquanto ela não consegue. *“Eu nunca te disse, Clay, mas sempre te admirei. Você é autêntico e não se importa. E eu sempre me preocupei com o que os outros pensavam de mim, por mais que eu fingisse que não”*.

Em relação a isso, a gestalt-terapeuta Frazão (2017), discute sobre a diferença entre o ser e o parecer. De acordo com a autora, ser implica em estar *awareness* das próprias necessidades e a partir da hierarquização dessas, fazer escolhas e se responsabilizar por aquilo se é. Para ela, “qualquer escolha implica perda e incerteza, o que nos gera angústia – a qual, além de ser um sentimento pouco confortável, é absolutamente diferente e única em sua apresentação a cada um de nós” (FRAZÃO, 2017, p.20).

No parecer, ao se preocupar com a imagem que os outros farão a seu respeito, a pessoa se afasta de si mesmo. E dessa forma, a autenticidade é destruída (FRAZÃO, 2017). Isso se relaciona com o que Outeiral (2003) alerta sobre a mudança na maneira em que as pessoas se relacionam na contemporaneidade baseada em aparências, ou o que alguns autores chamam de era dos simulacros.

Hannah se encontra no período do ciclo vital entendido como a adolescência, além de ser recém-chegada na cidade. No decorrer da série é possível perceber o seu esforço em fazer parte de diversos grupos sociais. Esse esforço, em alguns momentos, significou para ela, ceder às pressões do grupo em detrimento das próprias vontades como uma tentativa de ser aceita. Um exemplo disso é quando ela, em conversa com grupo de garotas tidas como populares, do qual tenta se aproximar. A protagonista se compromete em levá-las e depois pede para seus pais pagarem por um carro de luxo para impressioná-las, como no diálogo abaixo.

Hannah: - *Estou tentando fazer amigos, como vocês sempre falam.*

Mãe de Hannah: - *Querida, seus amigos não vão gostar mais de você por um carro.*

Hannah: - *Mãe, é o ensino médio. Claro que vão.*

Erick Erickson estudou o desenvolvimento humano a partir de crises que ocorrem ao longo de todo o ciclo vital. A crise relacionada à adolescência é chamada pelo autor de identidade versus confusão de papel (RABELLO; PASSOS, 2001). Nesse momento da vida, o grupo de coetâneos influencia fortemente as maneiras de vir a ser do sujeito (MIRABELLA, 2013).

Essa forte influência do grupo, muitas vezes, leva o adolescente a se adequar a determinados padrões do grupo a partir da necessidade de pertencimento, característica humana intimamente relacionada a esse período da vida (PEREIRA, 2005). Para esse autor,

Devido ao fato de os companheiros exercerem papel tão importante na vida da maioria dos adolescentes, a aceitação social é provavelmente um dos maiores problemas para a maioria dos jovens. [...]. Os jovens, na sua maioria, avaliam o próprio valor baseados na forma como os outros reagem a eles e permanecem,

assim, dependentes da aprovação e do reconhecimento dos companheiros (PEREIRA, 2005, p.104).

Hannah, ao falar sobre o sentimento de solidão vivenciado por ela diz: “*Não estou falando daquela coisa comum de se sentir sozinho em uma multidão*”. Ela relata que a solidão que está sentindo: “*é quando você sente que não tem mais nada*”.

Para Rocha, Boris e Moreira (2012, p. 77), “uma existência despotencializada deixa a vida com pouco significado, fazendo a morte parecer a opção mais viável para resolver seus problemas”. Portanto, para os autores, a vivência de uma falta de sentido na vida é importante fator de risco ao suicídio (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012).

Esse intenso sentimento de isolamento leva a garota a se ver como um peso e um problema para as outras pessoas. “*Parecia que não importava o que eu fizesse, eu sempre decepcionava as pessoas. Comecei a pensar como a vida de todos estaria melhor sem mim. E como é essa sensação? A sensação é um nada. Como um vazio, sem fim, um grande nada. [...] Meu coração e minha mente ainda estavam com um grande vazio*”.

Em relação ao manejo clínico do vazio existencial, a Gestalt-terapeuta Fukumitsu (2013, p. 93) diz:

Isso me faz refletir que, como terapeuta, não consigo tirar ninguém do seu vazio existencial, pois o vazio já está lá e é considerado pela Gestalt como fértil e cheio de possibilidades. Ajudamos nossos clientes a transformarem o vazio estéril em vazio fértil.

Estudo realizado com pessoas que haviam tentado suicídio anteriormente revelou grande dificuldade, da maioria dos participantes da pesquisa, em comunicar aos seus familiares a intenção de se matar. Por diferentes razões, essas pessoas encontravam dificuldades em falar sobre essa experiência de sofrimento intenso com pessoas próximas (ROCHA, BORIS, MOREIRA, 2012).

Hannah, em diversos momentos da série, demonstra dificuldade em comunicar seus sentimentos. É importante pontuar que essa dificuldade não se encontra na personagem, mas sim nas relações que ela estabelece com as outras pessoas. Algumas cenas mostram o desejo da jovem em expor seus sentimentos aos seus pais e muitas dessas tentativas não se concretizam.

Esse desejo é exposto pela protagonista em conversa entre ela e Courtney. Nessa conversa Hannah diz: “*queria poder fazer isso*”, se referindo a relação de Courtney com seus pais em que a jovem consegue conversar e eles se envolvem na vida da filha. A dificuldade de comunicação entre Hannah e seus pais é um fenômeno complexo, mas pode-se perceber que

está relacionado, entre outros fatores, a um momento de dificuldades financeiras vivenciadas pelos pais, como percebido a partir do relato da mãe ao pai após a morte de Hannah: “[...] *me recuso a acreditar que nossa filha era um mistério tão grande para nós. [...] Talvez devêssemos nos culpar. Se não estivéssemos tão preocupados com a porra da loja...*”.

Isso não significa dizer que não houve indícios em sua fala que alertasse para seu sofrimento. Uma cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde, chama a atenção para as chamadas “frases de alerta”, que dão sinais de um intenso sofrimento, com possíveis repercussões em comportamento suicidas e, portanto, que o momento exige que se cuide mais atentamente da pessoa em sofrimento (OMS, 2006).

No último episódio, ao conversar com o conselheiro escolar, Hannah tentou comunicar que o sofrimento estava se tornando insuportável para ela. O conselheiro não interpretou algumas de suas falas como frases de alerta e não percebeu os indícios de que a garota estava na iminência de uma crise, para poder, assim, fazer uma intervenção mais adequada. Como é possível perceber no trecho da cena a seguir:

Conselheiro: - *O que há com você hoje?*

Hannah: - *Bem... acho que tudo.*

Telefone do conselheiro toca.

Conselheiro (olhando para o telefone): - *Certo... tudo, hein?*

Conselheiro (olhando para Hannah): - *Tudo é muito. Por que não começamos com como está se sentindo agora?*

Hannah: - *Agora?*

Conselheiro: - *Sim. Agora.*

Hannah: - *Perdida. Acho que... vazia.*

Conselheiro: - *Vazia?*

Hannah: - *Sim. Eu não sinto nada. Tipo... não me importo mais.*

Conselheiro: - *Não se importa com o quê?*

Hannah: - *Com nada. A escola. Eu mesma. As pessoas aqui. Meus pais.*

Conselheiro: - *Seus pais?*

Hannah: - *Eu me importo com eles, mas eu não... Não sou quem eles precisam que eu seja.*

Conselheiro: - *Quem eles precisam que você seja?*

Hannah: - *Não um problema.*

Conselheiro: - *Sério? Por que é um problema para eles?*

Hannah: - *Eu não sei.*

Telefone do conselheiro toca.

Hannah: - *Pode atender se você quiser.*

Nesse momento o conselheiro pergunta se ela se importa com seus amigos e diz o nome de alguns colegas, ao que a garota diz que eles não são seus amigos. Ele então pergunta de Clay e a protagonista diz:

Hannah: - *Clay Jensen me odeia.*

Conselheiro: - *Não acho que Clay Jensen a odeie. Não o conheço tão bem. Mas ele não parece o tipo que odeia ninguém.*

Hannah: - *É como se nem o que dissesse importasse. Talvez importe. Não sei.*

Conselheiro: - *Certo, não estou entendendo.*

Hannah: - *Quer saber? Esqueça.*

Hannah se levanta em direção à porta.

Conselheiro: - *Espere. Não vá embora. Me ajude. Por favor.*

Hannah se senta novamente.

Conselheiro: - *Quando sair daqui, como gostaria que as coisas fossem diferentes para a Hannah?*

Hannah: - *Não sei. Eu... não sei o que espero.*

Conselheiro: - *Está bem. Parece que precisa de algo e não está conseguindo. Então vamos começar aí.*

Hannah (com olhos marejados): - *Preciso que pare.*

Conselheiro: - *Precisa que o que pare?*

Hannah (chorando): - *Preciso que tudo pare. Só... As pessoas. A vida.*

Conselheiro: - *A vida? Hannah... O que quis dizer quando falou que precisava que a vida parasse?*

Hannah: - *Não sei.*

Conselheiro: - *Parece algo muito sério a se dizer.*

Hannah: - *Eu sei. Eu... sinto muito. Eu não quis dizer isso, eu acho.*

Nesse trecho Hannah manifestou seu sofrimento para o conselheiro por meio de palavras e expressões corporais, bem como o choro. Algumas das frases de alerta utilizadas pela jovem são: “*Eu não sinto nada. Tipo... não me importo mais*”, “*Preciso que tudo pare. [...] Só... As pessoas. A vida.*”. Nesse momento, o conselheiro diz ser uma coisa séria a se dizer, o que a garota responde defensivamente, negando em parte, pois enfatiza o final de sua frase: “*[...] eu acho*”. Indicando que talvez quisesse dizer sobre seu desejo de morte.

A postura do conselheiro de maneira geral não foi adequada. Ele não demonstrou estar presente e a sua escuta, em alguns momentos, não foi empática. Ao dizer: “*Parece algo muito sério a se dizer*”, houve uma desvalorização da queixa de Hannah por parte do profissional. A intenção dele deveria ser explorar melhor os sentimentos envolvidos no desejo de parar a vida, propiciando um ambiente acolhedor para a jovem poder falar mais sobre o assunto. Em vez disso, teve o efeito contrário, ela se desculpa e não fala mais sobre o desejo de morte.

Em estudo realizado com adolescentes sobre os fatores de risco e de proteção relacionados ao suicídio. Através do relato dos participantes de vivências sobre o tema, possuir alguém de confiança para conversar, foi identificado como importante fator de proteção ao suicídio. Para os participantes desse estudo, eles possuem dificuldade em encontrar uma escuta acolhedora. Para eles, “os adultos se aproximam com discursos previamente elaborados e não permitem a elaboração espontânea de conceitos a respeito deste e de outros temas” (BENINCASA; REZENDE, 2006, p.108).

Essa queixa dos adolescentes do estudo se assemelha a situações vivenciadas por Hannah Baker. Após o trecho da conversa entre a garota e o conselheiro, acima transcrito, o profissional busca dar respostas prontas aos conflitos trazidos pela adolescente, não alinhadas com as reais necessidades dela de ser ouvida sem julgamentos. Pouco depois de a protagonista relatar sobre o estupro, o foco do conselheiro encontra-se mais nas questões legais envolvidas, do que na experiência e nos sentimentos de Hannah. O conselheiro então diz: “*Se não puder*

me dar um nome... Se não quiser prestar queixas contra esse garoto... Se nem sabe se pode prestar queixas... Então só uma opção. [...]você pode seguir em frente.”

Na tentativa de dar conta do intenso sofrimento existencial e das demandas do meio, Hannah se utiliza de diversos ajustamentos criativos ao longo da série. Ajustamento criativo é a capacidade de se reinventar, de criar e modificar recursos para a satisfação das necessidades que estão constantemente mudando. Ser criativo na tentativa de se ajustar às demandas da relação organismo/meio é considerado, para a Gestalt-terapia, como uma característica fundamental humana (CARDELLA, 2014).

Para a gestalt-terapeuta Cardella (2014):

Ajustar-se criativamente é viver a vida como fluxo, na interação com os outros e os acontecimentos, apropriando-se e criando recursos, assumindo a responsabilidade e a cocriação do próprio destino – pois, se não podemos determinar integralmente *o que* nos acontece, somos livres para escolher e responsáveis por *como* vamos viver as experiências, ofertando ou não a elas um sentido (CARDELLA, 2014, p. 114).

Em um momento da série, Hannah percebendo a dificuldade dos pais em se organizar para realizar um pagamento importante, se prontifica a levar o dinheiro até o banco. Nesse percurso ela se distrai e acaba perdendo essa quantia. Ela procura e quando entende o que aconteceu ela vai até seus pais contar o ocorrido e se responsabilizar pelas consequências do seu erro.

A jovem então tenta, junto aos pais, resolver o problema, dizendo quais trabalhos pode realizar e quanto dinheiro ela consegue com eles em determinado tempo e conclui que pode contribuir com uma boa porcentagem dessa dívida. Os pais recusam a sua participação, dizem que irão solucionar esse problema sozinhos e ela vai até o quarto chorar e diz que nesse momento sente que: *“Parecia que não importava o que eu fizesse, eu sempre decepcionava as pessoas. Comecei a pensar como a vida de todos estaria melhor sem mim”*.

Nessa situação, a protagonista se utilizou de ajustes criativos ao buscar realizar o pagamento após perceber a demanda do meio (os seus pais possuíam outras responsabilidades e não tinham tempo para o depósito bancário). E também ao se responsabilizar pelo erro cometido e esquematizar uma solução para o problema. Porém o meio, nesse caso os pais, não respondeu conforme ela precisava, o que exigiu da garota uma nova tentativa de ajuste para se autorregular.

O processo de autorregulação é, de acordo com a Gestalt-terapia, a capacidade natural da pessoa em se relacionar com o meio na busca por crescimento (LIMA, 2014). Para a autora,

O processo de autorregulação orgânica é, na realidade, uma grande forma de interação e negociação entre aquele ser que busca o fechamento e a resolução de uma situação de desequilíbrio – uma situação inacabada – por meio de uma ação no ambiente do qual o organismo é parte (LIMA, 2014).

Outro momento em que a protagonista se utilizou de ajustamentos criativos funcionais ocorreu no nono episódio em que a jovem corta o cabelo. Embora o ato em si seja cotidiano, nessa ocasião Hannah atribui a ele grande significado como tentativa de lidar com acontecimentos passados provocadores de intenso sofrimento. Após cortar o cabelo ela diz: *“Eu precisava de uma mudança. Eu precisava ser uma pessoa nova. [...] Eu não ia mais ser invisível. Eu ia começar nova em folha”*, *“Eu ia cortar o meu passado e deixar tudo para trás”*.

Outra situação que exemplifica ajustes criativos funcionais realizados pela jovem ocorre com a elaboração das fitas. Hannah encontrou em sua produção um espaço para falar sobre o seu sofrimento e após a confecção da última, decide: *“Darei à vida uma última chance”*. A jovem então procura o conselheiro escolar, que era um adulto de sua confiança, para buscar ajuda.

Nesse caso, analisando sob a perspectiva da protagonista, a produção das fitas pode ser entendida como um ajuste criativo funcional, porém, não se pretende com isso ignorar as repercussões negativas dessas fitas na saúde biopsicossocial dos demais personagens da série.

Enquanto no ajustamento criativo funcional há fluidez no constante processo de formação figura/fundo, no ajustamento criativo disfuncional há rigidez e interrupção. As necessidades são múltiplas e dinâmicas. Essa interrupção do crescimento se dá quando o organismo não consegue satisfazer uma necessidade tida como figura e paralisa. Ao não buscar outras soluções, o fluxo de autorregulação é interrompido (LIMA, 2014).

Hannah, em um momento da série, conversa com Clay após o expediente do trabalho no cinema quando ela muda de assunto e diz: *“Posso fazer uma pergunta do tipo “garota super carente, quando foi que virei esse tipo de pessoa”?”* e completa: *“Acha que posso ser tão linda quanto Jessica Davis?”*. Nessa cena é possível observar o sentimento de insegurança da protagonista na tentativa de se sentir pertencente.

Clay se surpreende com a pergunta e permanece alguns segundos em silêncio. Esse silêncio é interpretado pela protagonista como uma resposta negativa. O jovem, que está apaixonado por Hannah, diz que Jéssica é bonita, mas que Hannah é especial. Novamente Hannah interpreta de forma negativa dizendo: *“Especial tipo retardada”*. Após isso, ele

pergunta como a conversa deles pôde dar errado tão rápido e ela diz *“É a forma que você socializa. Fico achando que você é um tipo de cara diferente. Claramente isso não existe”*.

Hannah, após passar por algumas situações ruins com homens jovens, generalizou essas experiências e cristalizou a maneira como se relacionava com outros jovens do gênero masculino, se utilizando de ajustes criativos disfuncionais para se relacionar com eles. Em outra situação, Hannah após ter se magoado com uma atitude de Zach, um garoto tido como popular em sua escola, generaliza as relações com os jovens populares e diz: *“Os garotos populares sempre são maus. É assim que ficam populares. Eu sei. Irônico.”*

O ajustamento criativo disfuncional já serviu à autorregulação, fez sentido em um momento, mas não faz mais, está obsoleto. E, portanto, encontra-se cristalizado, rígido e, portanto, impede o crescimento. Mesmo trazendo prejuízos para a pessoa, essa é a melhor maneira possível dela estar no mundo naquele momento e, portanto, deve ser respeitada (AGUIAR, 2014; LIMA, 2014).

A Gestalt-terapeuta Cardella (2014), sobre os ajustamentos criativos disfuncionais diz:

São reações autorreguladoras, ainda que precárias. São as melhores respostas encontradas pela pessoa em determinadas circunstâncias no passado, que no entanto se cristalizaram. O que as torna disfuncionais é o fato de estarem desatualizadas e de desconsiderarem a existência de novos recursos e de novos contextos no presente, refletindo o estancamento do crescimento (CARDELLA, 2014, p.118).

O suicídio da protagonista, no último episódio, nesse sentido, é visto como um ajuste criativo, mesmo que disfuncional. A energia agressiva é direcionada a ela, se relacionando por meio de uma retroflexão disfuncional. Esse ajuste é considerado criativo na medida em que é uma tentativa da jovem em pôr fim ao intenso sofrimento vivenciado por ela, mesmo que isso ocasione o fim da própria vida (FUKUMITSU, 2012, 2017).

5 REPERCUSSÃO DA SÉRIE CINEMATOGRAFICA

A série “13 Reasons Why”, ou como foi traduzida para o português, “Os Treze Porquês”, desde a sua estreia pela Netflix em 31 de março de 2017, tem gerado grande repercussão entre profissionais de saúde, mídia, espectadores e sociedade em geral.

Essa grande repercussão está relacionada com a preocupação de que a série possa servir como gatilho para o suicídio em espectadores mais fragilizados. Essa preocupação é embasada em estudos que relacionam um tipo de divulgação de casos de suicídio na mídia e a maior ocorrência desse fenômeno, principalmente entre o público jovem, que são entendidos como mais susceptíveis a influência midiática (IPEA, 2013).

Isso corrobora com o que diz a OMS (2000, p.4) de que “de modo geral, existe evidência suficiente para sugerir que algumas formas de noticiário e coberturas televisivas de suicídios associam-se a um excesso de suicídios estatisticamente significativo e o impacto parece ser maior entre os jovens”.

Uma revista de grande circulação no Brasil realizou uma entrevista com uma equipe de pesquisadores norte-americanos que estudaram o impacto dessa série sobre os espectadores. De acordo com a entrevista, houve um aumento de buscas online de termos relacionados, tanto ao planejamento do suicídio quanto à prevenção. Outra preocupação da equipe de pesquisadores se refere ao chamado *binge watching*^{1*} (BUSCATO, 2017).

Em outra matéria jornalística de grande circulação, são levantados pontos favoráveis e desfavoráveis à série. De acordo com a revista, uma das críticas apontadas pelo psiquiatra Luis Fernando Tófoli à série encontra-se no fato de que, de acordo com ele, não é mostrado o adoecimento mental de Hannah (MOREIRA, 2017).

Essa ideia de conceber o suicídio como consequência de um adoecimento mental, embora presente em diversos discursos científicos, não é o adotado pela Gestalt-terapia.

Para a gestalt-terapeuta, Fukumitsu (2013), é um erro conceber o suicídio como um indicador de doença. A abordagem considera que a pessoa que se mata encontra-se em um momento de crise existencial e que dúvidas existenciais fazem parte do viver.

* O termo *binge watching* em tradução literal da língua inglesa para o português é traduzido como “assistir compulsivamente”. De acordo com os pesquisadores entrevistados, pelo fato da série “13 Reasons Why” ter lançado todos os episódios da temporada ao mesmo tempo, o espectador pode assistir todos em sequência. Para eles, isso pode potencializar os comportamentos suicidas ao envolver intensamente o jovem no contexto da trama (BUSCATO, 2017).

O autor Nilson Berenchein Netto (2013), fala sobre isso em debate e produção de livro em parceria com o Conselho Federal de Psicologia. Para ele, a concepção do suicídio como linearmente causado por um transtorno mental faz sentido na lógica do mundo contemporâneo ocidental. Para esse autor:

Em uma sociedade que não quer saber da morte, que busca escondê-la ou afastá-la a todo custo para impedir que ela aconteça, alguém que tente ou que consiga tirar voluntariamente a própria vida, só poderia ser considerado, no jargão mais “senso comum” possível, um louco (CFP, 2013, p. 17).

Há discussões que argumentam que a série abriu a discussão sobre um tema tão tabu para a população em geral e profissionais da saúde e agiu de acordo com as recomendações, ao relatar a história de sofrimento da jovem, abordando alguns fatores que influenciaram o seu suicídio e mostrando a repercussão para as pessoas próximas a ela. Dessa forma, também conscientizou o espectador sobre formas de prevenir o suicídio, ao divulgar informações de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda (ABP, 2009; OMS, 2000).

A OMS considera ser um mito a ideia de que não se deve falar sobre o suicídio, falar sobre o tema é uma forma de prevenção (OMS, 2014). Mas há cuidados que devem ser tomados como os apresentados anteriormente neste trabalho. Um exemplo disso é a cartilha destinada a profissionais da mídia, produzida pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2009).

Essa cartilha recomenda não divulgar imagens da cena do suicídio, do falecido ou do método utilizado. E também não fornecer descrições detalhadas do método utilizado ou de como ele foi obtido (ABP, 2009). Em relação a esses tópicos, a série agiu em desacordo com as recomendações, pois, mostrou Hannah indo até a farmácia dos pais, onde consegue lâminas de barbear, indo até a sua casa, enchendo a banheira e realizando cortes verticais e profundos em seus braços. A cena em questão mostra bastantes detalhes da preparação, do ato em si e depois com a protagonista morta na banheira e sendo encontrada por sua mãe.

Outro aspecto que merece atenção é o fato de que alguns personagens entendiam o suicídio de Hannah como uma questão de escolha, de livre arbítrio da garota, atribuindo-lhe total responsabilidade pelo ato. Por exemplo, o conselheiro escolar em conversa com um aluno diz: *“Se ela queria acabar com a sua vida, não conseguiríamos impedi-la”*. Com essa fala, o personagem demonstra conceber o suicídio como uma questão de escolha de Hannah e não reconhece medidas preventivas que poderiam ter sido utilizadas no manejo dessa situação.

De acordo com a ABP (2009), ao tratar sobre o tema, não se deve atribuir culpas ou tratar o suicídio como uma questão de livre arbítrio. Além disso, deve-se abordar o fenômeno como uma questão de saúde que precisa ser tratada.

Nesse sentido, considera-se que a série, de maneira geral, explora o tema com diálogos de alguns personagens que mostram posicionamentos contraditórios no que se refere a responsabilização exclusiva de Hannah Baker pelo suicídio, podendo assim confundir o espectador.

Antes do início da série há um alerta, por escrito, contendo a seguinte recomendação: *“13 Reasons Why é uma série ficcional que aborda questões difíceis do mundo real, como agressão sexual, uso de drogas, suicídio e muito mais. Falando sobre esses temas complicados, esperamos que nosso programa estimule uma conversa. Mas, se você estiver passando por algum destes problemas, talvez esta série não seja para você ou seja melhor assisti-la com um adulto confiável. E, se sentir que precisa conversar com alguém, fale com seus pais, com um amigo, um conselheiro escolar ou um adulto em quem confia, ligue para um serviço de ajuda local ou acesse 13ReasonsWhy.info. Porque quando você fala sobre o problema, fica mais fácil.”*

Dessa forma, supõe-se que a intenção dos autores da série é de alertar sobre os riscos que o conteúdo dos filmes possa trazer às pessoas fragilizadas e emocionalmente vulneráveis. Porém, não há indícios se esse tipo de alerta é efetivo ou se provoca mais curiosidade, principalmente entre o público jovem.

Ao entrar no site em questão, a página é traduzida e indica dois sites para procurar ajuda, no caso do Brasil: o site do Centro de Valorização da Vida (CVV) e o SaferNet**. Além disso, o site disponibiliza um arquivo em inglês de uma proposta de intervenção na escola sobre temas relacionados à série e ao suicídio. Nesse sentido, os autores do filme parecem se esforçar para atender recomendações dos órgãos oficiais de saúde.

Favorecer um debate saudável sobre o tema e disponibilizar locais para procurar ajuda são recomendações de órgãos competentes no que tange a prevenção ao suicídio (OMS, 2000; ABP, 2009).

** SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado que oferece serviço de ajuda contra crimes e violações dos Direitos Humanos na internet. A associação conta com suporte governamental, parcerias com a iniciativa privada, autoridades policiais e judiciais. Por meio de uma equipe de psicólogos treinados, a associação atende, orienta e, quando necessário, encaminha denúncias relacionadas a violações dos Direitos Humanos na internet (HELPLINE, 2017).

A série fomentou a discussão sobre o suicídio, esse tema é envolto por mitos que, muitas vezes não correspondem à realidade e podem dificultar práticas interventivas apropriadas. Tal aspecto pode ser evidenciado, por exemplo, em um momento da série, em que o personagem Tony leva Clay até um penhasco e revela já ter presenciado um crime se referindo ao suicídio de Hannah Baker. Essa concepção do personagem de suicídio como crime, embora esteja presente no imaginário social, não corresponde à visão do direito brasileiro sobre o tema.

O suicídio ou a sua tentativa não são configurados como crimes na legislação brasileira. Apesar de não se caracterizar como crime, o Código Civil prevê ressarcimento ao Estado em alguns casos em que a tentativa de suicídio ocasione prejuízo. O que, de certa forma, serve como uma forma de punição para a pessoa que tenta suicídio (BRASIL, 2002).

Para a Organização Panamericana de Saúde, essa concepção de suicídio enquanto crime, prejudica um mapeamento eficiente dos dados estatísticos. Essa concepção reforça o tabu que envolve o tema e que colabora com a subnotificação dos casos. Com uma compreensão falha sobre um fenômeno social, o planejamento e a aplicação de políticas públicas pode não corresponder à determinada demanda daquela realidade social (OPS, 2014).

Um mito também presente no senso comum sobre o suicídio e que foi retratado na série corresponde à concepção de suicídio como fraqueza. Em uma conversa entre Clay e Skye em que falam sobre Hannah, Skye diz: *“O que ela fez foi burrice. Ela não passou por nada diferente do que nós passamos. Todos superamos.”* Clay então responde: *“É mesmo? Então o que é isso?”* e revela o braço automutilado da garota. E ela: *“É o que você faz ao invés de se matar. Suicídio é para os fracos”*.

A recomendação aos profissionais da mídia é que não se retrate a vítima de suicídio como mártir e nem o suicídio como um ato de coragem. Da mesma forma, não se deve tratar o suicídio como fraqueza, pois isso reforça o preconceito a essas pessoas, o que, muitas vezes, dificultam elas a buscarem a ajuda necessária (ABP, 2009).

Outro mito presente no imaginário social corresponde à ideia de que quem tenta suicídio está “querendo chamar atenção”. Essa ideia não condiz com a realidade na medida em que a presença de tentativas anteriores é o principal fator de risco ao suicídio (OMS, 2000).

Alguns personagens da série, mesmo após a morte de Hannah, possuíam essa crença. Um exemplo disso é percebido na conversa entre Clay e Justin em que esse diz: *“O que quer*

que a Hannah achou que viu, ela mentiu sobre isso naquelas fitas, porque ela é uma doida dramática que se matou para chamar atenção”. Também pode-se observar essa questão no diálogo entre Clay e Marcus em que esse diz: “Ela só queria atenção. E deixar essas fitas... é uma coisa doentia a se fazer!”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que a pesquisadora, por mais que se tente, não pode suspender completamente os seus pressupostos pessoais durante o estudo. A pretensão, portanto, de uma ciência psicológica neutra é ilusória. Desde o interesse da autora pelo tema em questão, até a análise do material cinematográfico, as suas vivências subjetivas estão implicadas e não podem ser ignoradas.

Um fato que ilustra essa questão foi a dificuldade vivenciada em assistir alguns momentos dessa série, especialmente as cenas de estupro (episódios 9 e 12) em que houve grande mobilização emocional, sendo necessário a interrupção da atividade com retomada posterior, depois de algum tempo.

Ao longo do estudo, compreendeu-se que a protagonista da série analisada encontra-se no período do ciclo vital entendido na nossa sociedade como adolescência. Esse é um período marcado por crises e rupturas que demandam do sujeito constantes ajustamentos criativos para se autorregular. Além disso, ela está inserida em um cenário contemporâneo de mudanças constantes na maneira de se relacionar, muitas vezes baseadas em relações inautênticas que dificultam esse processo autorregulativo.

Durante os diversos episódios da série, entende-se que Hannah realizou diversos ajustes criativos na tentativa de atender às suas necessidades com relação às demandas diversas que surgiam no seu meio. Por fim, o último ajuste (disfuncional) realizado pela jovem para “dar conta” de todo o sofrimento existencial vivenciado por ela, foi o suicídio.

Com a produção deste trabalho, constatou-se que, embora se fale no senso comum dos perigos de uma divulgação descuidada de casos de suicídio e a possível repercussão disso para um aumento de casos de suicídio, o chamado efeito contágio, pouca produção científica foi encontrada sobre os reais efeitos de diferentes divulgações midiáticas.

A série analisada neste trabalho, por exemplo, mesmo tendo repercutido em discussões de diversos setores da sociedade, aparentemente não teve a mesma repercussão em estudos científicos. Encontramos apenas um artigo científico que tratava sobre os efeitos desta série no público jovem. Porém, o material foi produzido em língua inglesa e a plataforma virtual em que se encontra é paga, dificultando o acesso às informações obtidas nesse estudo.

Órgãos competentes formularam cartilhas a respeito de como a mídia deve vincular a temática do suicídio. Percebeu-se que a série “13 Reasons Why” respeitou apenas algumas

dessas recomendações, como por exemplo, divulgar o impacto do suicídio nos enlutados e disponibilizar locais de onde procurar ajuda. Porém, outras recomendações não foram respeitadas quando, por exemplo, divulga-se detalhes sobre o método utilizado para o ato suicida e por revelar detalhes do suicídio da protagonista.

A análise deste material cinematográfico revelou a necessidade de estudos futuros em relação a questões não exploradas neste trabalho, tais como: a análise da segunda temporada da série que já foi lançada; e aos impactos da audiência dessa série entre o público jovem. Um tema importante a ser trabalhado em estudos futuros diz respeito à posvenção ao suicídio dos familiares e amigos da protagonista.

A segunda temporada da série em questão estreou durante a finalização deste estudo , no dia 18 de maio de 2018. Esse é um dia representativo no cenário brasileiro por se tratar de um dia em que se comemora o Dia Nacional da Luta Antimanicomial e também o Dia Nacional de Combate o Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

Percebe-se, por fim, que, embora o suicídio seja um tema com larga produção científica, devido à sua complexidade, ainda há muito que aprender a fim de melhor cuidar das pessoas que sofrem intensamente e veem o suicídio como uma possibilidade para acabar com tamanho sofrimento existencial.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

ALVIM, Mônica Botelho. Awareness: experiência e saber da experiência. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30.

ANDRADE, Celana Cardoso. Autossuporte e heterossuporte. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 147-162.

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 259-368, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2010000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2017.

ANTONY, Sheila Maria da Rocha. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 fev. 2018.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Comissão de Prevenção de Suicídio. **Comportamento suicida: conhecer para prevenir, dirigido para profissionais da imprensa**. 2009. Disponível em: <http://www.cvv.org.br/downloads/cartilha_suicidio_profissionais_imprensa.pdf>. Acesso em: 9 ago 2017.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. Relação amorosa e tentativa de suicídio na adolescência: uma questão de (des)amor. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 20-29, jun. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 set. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

BENINCASA, Miria; REZENDE, Manuel Morgado. Tristeza e suicídio entre adolescentes: fatores de risco e proteção. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.55, n.124, p. 93-110. jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000100007>. Acesso em: 8 maio 2018.

BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: Fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 2-14. jun. 2013.

Disponível em:

<<http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclnicos/article/view/ctc.2013.61.01>> . Acesso em: 20 maio 2018.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, 1990. Disponível em:

<<http://www.febem.sp.gov.br/files/pdf/eca.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2017.

BRASIL. Lei 10.406, de 10 de janeiro de 2002. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Prevenção do suicídio**: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. 2006. Disponível em:

<http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_editoracao.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2017.

BRITO, Maria Alice Queiroz. Busca do sentido do ser ou perda da identidade? Lidando com os padrões socialmente impostos. In: FRAZÃO, Lilian Meyer (Org.). **Questões do humano na contemporaneidade**. São Paulo: Summus, 2017. p. 29-37.

BUSCATO, Marcela. Série 13 reasons why estimulou ideias de suicídio, diz estudo. **Época**, São Paulo, Globo, 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/07/serie-13-reasons-why-estimulou-ideias-de-suicidio-diz-estudo.html>>. Acesso em: 01 maio 2018.

CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014. p. 104-130.

CONDE, Miriam. **O arco-íris de luto**: homofobia internalizada e suicídio. 2016. 91 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **O suicídio e os desafios para a psicologia**.

Brasília, 2013. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Suicidio-FINAL-revisao61.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

COSTA, Rildo Ferreira. O (des)encantamento jovem no mundo das novas tecnologias de informação e comunicação. **Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, Recife, v. 1, n. 8, 2016. p. 171-190. Disponível em:

<<http://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/957>>. Acesso em 13 mar. 2018.

CREMER, Eduardo. “Bullying”: a violência na escola contemporânea sob o enfoque da abordagem Gestáltica. **Revista IGT na Rede**, v. 12, n. 22. p. 111-195. 2015. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

CRUZ, Lílian Rodrigues; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Modos de endereçamento e a recepção do texto cinematográfico. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 25, n. 49, p. 197-206, abr./jun. 2007.

CVV. Centro de Valorização da Vida. **Manual do Voluntário**. 2006.

ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

FONSECA, Eminy Francineia Martins; LOBO, Warllington Luz. Suicide Attempt: Reflections Based on Person-Centered Clinic. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 7, n. 2, p. 152-165, Dec. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000200008&lng=en&tlng=en#?>. Acesso em: 9 out. 2017.

FUKUMITSU, Karina Okajima. **Suicídio e Gestalt-terapia**. São Paulo: Digital Publish & Print, 2012.

_____. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 270-275, dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010365642014000300270&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2017.

_____. **Suicídio e o processo de morrência – Karina Fukumitsu**. Glocal SP, 17/10/16. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rNG-zV2YHD4>>. Acesso em: 22 set. 2017.

_____. Facetas da autodestruição: suicídio, adoecimento autoimune e automutilação. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. p. 75-91.

FUKUMITSU, Karina Okajima; SCAVACINI, Karen. Suicídio e manejo psicoterapêutico em situações de crise: uma abordagem gestáltica. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 19, n. 2, p. 198-204, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672013000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 ago. 2017.

FRAZÃO, Lilian Meyer. SER ou não SER na contemporaneidade: eis a questão. In: FRAZÃO, Lilian Meyer (Org.). **Questões do humano na contemporaneidade**. São Paulo: Summus, 2017. p. 17-28.

GALLI, Loeci Maria Pagano Galli. Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e doença: a cura do ponto de vista da Gestalt-terapia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 59-71, abr. 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a06.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson, 2005.

HELPLINE. Atendimento. 2017. Disponível em: <<http://www.helpline.org.br/helpline/>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

HENRIQUES, Rogério Paes. A medicalização da existência e o descentramento do sujeito na atualidade. **Rev. Mal-Estar Subj**, Fortaleza, v. 12, n. 3-4, p. 793-816, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 mar. 2018.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 363-372, jul. 2006.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Os efeitos da mídia sobre o suicídio: uma análise empírica para os estados brasileiros**. 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_1851.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2018.

KEHDI, Roberta Gonçalves Pereira. Tentativa de suicídio associada à violência sexual contra crianças e adolescentes. **PUC – Rio**, Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=20629@1&meta=1>. Acesso em: 22 mai. 2018.

LIMA, Patricia Valle de Albuquerque. Autorregulação orgânica e homeostase. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Gestalt-terapia conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 88-103.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

MIRABELLA, Ana Maria. Afetividade na adolescência. In: ZANELLA, Rosana (Org.). **A Clínica Gestáltica com Adolescentes: Caminhos Clínicos e Institucionais**. São Paulo: Summus, 2013. p. 12-26.

MOREIRA, Isabela. 3 razões para ver e outras 3 para não ver '13 reasons why'. **Revista Galileu**, Globo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/3-razoes-para-ver-e-outras-3-para-nao-ver-13-reasons-why.html>>. Acesso em 01 maio 2018.

NETO, Carlos Henrique de Aragão. O sentido na vida como fator de proteção ao suicídio. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v. 2, n. 2, 2015.

ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Prevención del suicidio: un imperativo global**. Washington, DC: OPS, 2014. Disponível em:

<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/136083/1/9789275318508_spa.pdf?ua=1&ua=1>. Acesso em: 21 ago. 2017.

_____. **Prevención de la conducta suicida**. Washington, DC: OPS, 2016. Disponível em: <<http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/31167/9789275319192-spa.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. Genebra, 2000. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2017.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Salud de los adolescentes**. 2017. Disponível em: <http://www.who.int/topics/adolescent_health/es/>. Acesso em: 11 set. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Saúde mental depende de bem-estar físico e social, diz OMS em dia mundial**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/saude-mental-depender-de-bem-estar-fisico-e-social-diz-oms-em-dia-mundial/>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

OUTEIRAL, José. **Adolescer: estudos revisados sobre adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

_____. Adolescência: Modernidade e pós modernidade. In: OUTEIRAL, José; CEREZER, Cleon (Org.). **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro, RJ: Revinter, 2005. p. 65-99.

PEREIRA, Antonio Carlos Amador. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 2005.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. 2001. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017

ROCHA, Marcio Arthoni Souto da; BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; MOREIRA, Virginia. A experiência suicida numa perspectiva humanista-fenomenológica. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 69-78, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 mar. 2018.

SOUSA, Renata Floriano. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra mulheres. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 9-29, jan./ abr. 2017.

ZANELLA, Rosana; ANTONY Sheila. Trabalhando com adolescentes: (re)construindo o contato com o novo eu emergente. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (Org.). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. p. 83-108.

ZANELLA, Rosana; ZANINI, Maria Estela Benedetti. Atendendo adolescentes na contemporaneidade. In: ZANELLA, Rosana (Org.). **A clínica gestáltica com adolescentes: caminhos clínicos e institucionais**. São Paulo: Summus, 2013. p. 59-76.

APÊNDICE – Resumos dos episódios da primeira temporada da série: “13 Reasons Why”

Antes de iniciar o primeiro episódio, alguns atores se apresentam para o público e falam rapidamente sobre a proposta da série: “13 Reasons Why é uma série ficcional que aborda questões difíceis do mundo real, como agressão sexual, uso de drogas, suicídio e muito mais. Falando sobre esses temas complicados, esperamos que nosso programa estimule uma conversa. Mas, se você estiver passando por algum destes problemas, talvez esta série não seja para você ou seja melhor assisti-la com um adulto confiável. E, se sentir que precisa conversar com alguém, fale com seus pais, com um amigo, um conselheiro escolar ou um adulto em quem confia, ligue para um serviço de ajuda local ou acesse 13ReasonsWhy.info. Porque quando você fala sobre o problema, fica mais fácil.”

Após essa fala dividida entre os atores, segue uma tela preta com a seguinte frase: “Se você ou alguém que você conhece precisa de ajuda para encontrar auxílio, acesse 13ReasonsWhy.info”.

Os treze episódios da primeira temporada são divididos a partir do número e lado da fita cassete correspondentes. Por exemplo, o primeiro episódio é chamado: “Fita 1, Lado A”, o segundo: “Fita 1, Lado B”, o terceiro, “Fita 2, Lado A”, e assim sucessivamente.

Episódio 1: “Fita 1, Lado A”

O episódio se inicia dias após o suicídio da protagonista, Hannah Baker, mostrando um pouco sobre o cotidiano escolar de alguns personagens, enquanto faz transições temporais entre fatos ocorridos antes e depois da morte da personagem. Também revela rapidamente quem são os pais da adolescente, que se encontram na escola em busca de pistas para melhor compreender o suicídio da filha.

Nesse início de episódio, após a morte de Hannah, é mostrada uma situação de sala de aula em que uma professora fala sobre suicídio com seus alunos: “Então, há várias maneiras de conseguir ajuda se você precisar, ou se um amigo precisar, e essas informações estão no quadro do lado de fora da minha sala ou do lado de fora da diretoria. Está no site do Colégio Liberty”.

Nesse momento, ela é interrompida por um aluno que diz não querer mais ouvir sobre esse assunto, o que a professora completa falando sobre a importância da atenção sobre sinais de alerta que os adolescentes devem observar em seus colegas: “Isso nunca termina. Assim é

importante saber os sinais quando alguém com quem se importa precisa de ajuda. Eles estão se afastando de amigos e parentes? Há alguma mudança de aparência? [...]”. A cena muda para Clay Jensen se lembrando da mudança de aparência de Hannah, após o corte de cabelo.

Ao retornar para casa, após a escola, Clay encontra um pacote deixado em sua porta contendo sete fitas cassetes. No início da primeira fita a voz de Hannah é ouvida: “Oi, é a Hannah, Hannah Baker. [...] vou contar a história da minha vida. Mais especificamente, porque minha vida terminou. Se você está ouvindo esta fita, você é um dos porquês [...]”. Nesse momento, o adolescente é interrompido pela mãe e diz que as fitas se tratam de um trabalho escolar.

O aparelho em que o adolescente ouvia a fita quebra e ele sai de casa de bicicleta até a casa de um colega, Tony. Chegando lá, ele pega um aparelho, em momento de distração do colega, e sofre um acidente de bicicleta na volta para casa. A cicatriz do machucado em sua testa o acompanha por toda a temporada e facilita o espectador dos momentos de transição temporal entre situações ocorridas antes e após a morte de Hannah.

Ao retornar à fita, ouve-se Hannah: “As regras aqui são muito simples. Só há duas. Regra número um, você ouve. Número dois, você passa adiante. Espero que nenhuma seja fácil [...]”. Ela diz que a caixa possui um mapa dos locais que ocorreram cada situação que ela descreverá, caso o ouvinte “[...] quiser uma percepção maior [...]”.

A personagem ainda diz que, caso as fitas não sejam repassadas para as próximas pessoas que, de acordo com ela, possuíram participação de alguma forma em seu suicídio, uma pessoa de sua confiança possui cópias e as divulgará publicamente. E completa: “Isso não foi uma decisão momentânea. Não me desvalorize. Não de novo”.

De volta ao passado, Justin Foley, colega de escola de Hannah e o tema da primeira fita, é então apresentado à protagonista em uma festa na casa dela. Hannah se apaixona pelo jovem e se encontram em um parque, onde ela dá seu primeiro beijo. Porém, nessa ocasião, Justin tira uma foto dela, que depois é divulgada para vários colegas da escola por Bryce e ela recebe o rótulo de “vadia” após boato de que teriam tido relações sexuais.

O episódio termina com a frase: “For help finding crisis resources, visit 13reasonswhy.info”.

Episódio 2: “Fita 1 Lado B”

O segundo episódio foca em como a protagonista conheceu Jessica Davis, uma colega de escola também recém-chegada, e como a amizade delas foi se desenvolvendo ao longo dos meses. Jessica conta uma experiência parecida com a de Hannah em que recebeu um rótulo

negativo na escola. Elas então passam a fazer atividades cotidianas como fazer compras, conversar, entre outras.

As duas conhecem Alex Standall, um adolescente, assim como elas, recém-chegado e novato na escola. Os três então se tornam amigos, depois se afastam com o tempo e Hannah descobre que Jessica e Alex estão namorando. O fato de eles terem escondido o início do namoro chateia a protagonista.

Jessica encontra uma lista supostamente escrita por Alex com o título: “melhores/piiores peitos e melhor/pior bunda”. A adolescente responsabiliza a protagonista pela existência dessa lista, a chama de “vadia” e dá um tapa em seu rosto. No presente, Jessica diz para Clay que nem tudo que consta nas fitas corresponde à realidade, já que mostra o ponto de vista de Hannah e, para Jessica, Hannah é uma “mentirosa”.

Entre as mudanças temporais ocorridas no episódio, é possível ver o estado emocional abalado atual de alguns personagens como Jessica Davis, Justin Foley, os pais de Hannah, professores, entre outros. De diferentes maneiras, os diferentes personagens buscam lidar com as dificuldades e o sofrimento após a morte de Hannah.

Episódio 3: “Fita 2, Lado A”

Ao longo do episódio é possível ver uma movimentação da escola para tentar prevenir novos casos de suicídio como cartazes que dizem: “Você não está sozinho.”, “Sinta-se melhor agora. Veja como.”, “Suicídio não é uma opção.”, “Suicídio: uma solução permanente para um problema temporário.”. Também mostra os alunos tentando lidar com o suicídio da colega: eles fazem um memorial para homenagear Hannah com flores, cartões, ursinhos, entre outros, e o jornal da escola está preparando uma edição especial em homenagem à protagonista.

A mãe de Hannah vai à escola conversar com o diretor buscando entender o suicídio da filha, pergunta se ela era infeliz na escola e fala sobre como o seu humor em casa era inconstante, mas que não consegue compreender como as coisas acabaram dessa forma. Como os pais de Hannah entraram com um processo judicial contra a escola, o diretor então diz que não pode responder a suas perguntas. Após essa conversa ela vai até o banheiro feminino da escola onde encontra vários insultos na parede sobre outras jovens.

O episódio também mostra um pouco mais de como foi se desenvolvendo o relacionamento entre Hannah e Clay. Mostra também o conselheiro estudantil chamando alunos que, de acordo com ele, ficaram abalados com a morte da protagonista com a intenção de cuidar deles.

O “porquê” apresentado neste episódio é Alex Standall. Depois de fazer a lista de “melhores/piores peitos” e “melhor/pior bunda”, mostrado no episódio anterior, Hannah sofre com olhares e comentários pejorativos dos colegas por seu nome aparecer na lista. Vai até o vestiário masculino enfrentar Alex e os garotos riem e depois a chamam de “vadia maluca” e inferem que ela e Alex transaram.

No presente, Alex diz para Clay que acredita que tenha matado Hannah, pois, por causa da lista, Hannah perdeu a amizade de Jessica. Da mesma forma que acredita que todos os outros doze também são responsáveis por sua morte.

No passado, Bryce, outro colega da escola, encontra Hannah em uma loja, aperta a sua bunda e diz que a lista “acertou em cheio”. Hannah acredita que ao fazer a lista, Alex a colocou como um alvo e “abriu a temporada de caça a Hannah Baker”. A protagonista sai da loja chorando.

Episódio 4: “Fita 2, Lado B”

Clay continua escutando as fitas e na quarta fita Hannah começa contando que uma pessoa a perseguia, outro colega e fotógrafo do colégio, Tyler Down. Em uma noite ele tirou fotos da janela de Hannah, que, com medo, não conseguiu dormir.

Hannah e sua nova amiga, Courtney, armaram uma “armadilha” para descobrir quem perseguia a protagonista. A amiga passou a noite na casa de Hannah, elas consumiram bebida alcoólica e em uma brincadeira em que uma desafiava a outra acabaram se beijando. Nesse momento, Hannah ouve o som da máquina fotográfica de Tyler e aponta uma lanterna para o rosto do jovem, que é desmascarado por elas.

Tyler envia uma foto das adolescentes se beijando para toda a escola, porém as pessoas não as reconhecem. Courtney então diz que não quer mais falar com Hannah. A protagonista diz não se sentir mais segura na escola ou até mesmo em seu quarto e que está se sentindo paranoica. E que Tyler saberá como ela se sentiu, pois as pessoas que escutam a essa fita são convidadas a ir até a janela do jovem observá-lo.

Clay, após ouvir essa fita, tira uma foto de Tyler nu e envia para os colegas da escola e diz para Tony, colega que possui as cópias das fitas: “estou fazendo justiça por conta própria”, frase que Tony havia dito minutos antes.

Episódio 5: “Fita 3, Lado A”

Esse episódio gira em torno do baile de inverno da escola do ano anterior, quando Hannah ainda estava viva. É possível observar Hannah e Clay se apaixonando ao longo do episódio. No baile, eles dançam e quase se beijam.

Nessa festa, alguns rapazes começam a suspeitar que as meninas da foto sejam Hannah e Courtney, quando um deles pergunta para Courtney ela diz que a foto é de Hannah e de sua suposta namorada Laura e que elas a chamaram para participar de um ménage, o que ela negou. Ela também falou para ele que Justin havia “enfiado o dedo” em Hannah e ela teria feito sexo oral nele.

Esse garoto vai até Hannah e pede para participar de um ménage com ela e a namorada e diz que Courtney que havia lhe contado. A adolescente, então, briga com a amiga e vai embora.

No presente, Clay leva Courtney até o cemitério em que Hannah está enterrada e diz que a levou lá, pois parece que ela “trata a morte de Hannah como se fosse uma atividade escolar”. Ao que Courtney diz que tem se dedicado em pendurar cartazes pela escola, pois quer ajudar a escola a se curar.

Ela diz acreditar que o suicídio de Hannah foi uma escolha dela e, portanto, culpa apenas dela. Clay discorda e acredita que todos têm participação em sua morte e questiona a colega do porquê dela ter feito o que fez mesmo tendo dois pais gays. Courtney então diz que é justamente para proteger os pais, que ela tem medo que as pessoas pensem que ela é lésbica por ter sido criado por um casal de homens gays e que seus pais sofram.

Ao longo do episódio é possível perceber como está sendo difícil para Clay lidar com todas essas situações. Ele não toma banho há alguns dias, seus pais se mostram preocupados e quando Courtney diz que ele não está bem ele confirma. Na cena final mostra o jovem chorando no banheiro.

Episódio 6: “Fita 3, Lado B”

O episódio mostra os pais de Hannah, no presente, ainda procurando pistas que os ajudem a compreender a morte da filha e também vencer o processo judicial contra a escola, por acreditar que ela tinha conhecimento do *bullying* sofrido pela filha e não tomou as providências necessárias.

O episódio mostra também, o “Namorado de um dólar”, atividade comemorativa do dia dos namorados produzida pelos alunos na escola. Nele, a pessoa se descrevia e descrevia o que queria em um parceiro ou parceira.

Na lista de Hannah, os adolescentes que são considerados compatíveis não a interessam. Porém, na lista de Marcus, colega e presidente do conselho estudantil, de acordo com ele, Hannah apareceu como uma compatibilidade. Ele a convida para sair e ela aceita.

Na lanchonete em que eles combinaram de se encontrar, Hannah espera Marcus por uma hora e quando chega vem acompanhado de um grupo de amigos. Após alguns minutos de conversa, ele passa a mão na perna da adolescente e enquanto ela pede que ele pare, ele não para. Hannah então grita e o empurra, o que Marcus a ofende: "pensei que você fosse fácil".

Episódio 7: "Fita 4, Lado A"

O episódio se inicia com a fita de Hannah, em que ela fala sobre a solidão que está sentindo. Ela fala que a aula de comunicação, servia para ela como um momento de contato humano que ela valorizava. Nessa aula, os alunos trocavam elogios anônimos, colocando em cestos de papel uns dos outros e ao final de todas as aulas ela conferia o seu cesto e os poucos bilhetes que deixavam lá eram muito importantes para ela.

Zach, colega dessa aula, é tema desta fita. Para a protagonista, Zach era conhecido por ser gentil, mas após uma situação em que a protagonista negou seu convite para sair, ele começou a roubar os bilhetes dela. Hannah então escreve uma carta para ele falando como se sentia e como aqueles elogios eram importantes para ela. Para ela, o jovem não se importou e jogou a carta no lixo, porém, depois o episódio revela que Zach a guardou e percebeu o seu erro.

No presente, Clay tem algumas alucinações, como quando vê Hannah morta no centro da quadra de basquete durante o jogo. Ele grita que parem e algumas pessoas dizem que ele é louco. Após o jogo, ele risca carro de Zach depois de ouvir a fita dele. Clay então diz: "Essas fitas estão acabando comigo. Estão mexendo com a minha cabeça". O episódio mostra situações que revelam a preocupação dos pais de Clay com a saúde mental do filho. Eles fazem tentativas de conversar com ele, a mãe solicita que ele volte a se consultar com o psiquiatra e a tomar os remédios que usou em um momento de sua vida.

No passado, após essa situação na aula de comunicação, Hannah pede para que Jessica encontre com ela, mas ela não aparece. A protagonista acredita que não tem mais nenhum amigo. Hannah então escreve um recado anônimo, que é lido pela professora durante essa aula. O recado diz: "E se o único jeito de não se sentir mal for parar de sentir qualquer coisa para sempre?".

Após ler esse recado, a professora diz que "Isso é sério. Este é alguém lidando com muita dor". Hannah tinha a expectativa que Zach, sabendo que ela que escreveu isso, dissesse

alguma coisa, mas ele não falou. Os comentários de outros alunos variaram entre que deveria ser alguém querendo chamar atenção, um pedido de ajuda, uma brincadeira, e de que era de uma pessoa em sofrimento. Ao que um aluno fala que todos sofrem e a pessoa deveria superar isso. A professora diz que a pessoa não está sozinha e que há recursos disponíveis.

Episódio 8: “Fita 4, Lado B”

Alguns estudantes que apareceram nas fitas de Hannah estão com medo de que, por causa do estado emocional de Clay, elas sejam divulgadas. Justin está muito preocupado que histórias que ele acredita serem mentiras sejam expostas com isso. Então sugere indiretamente aos outros que deveriam matar Clay e talvez fazer parecer um suicídio.

No passado, na escola está acontecendo um encontro com representantes de universidades. Hannah conhece um bibliotecário que pergunta se ela escreve e ela diz que sim, mas que não mostra a ninguém. Ele então a convida a participar de um grupo de poesia. Ela diz que estava em busca de um sentido na vida quando vai até o grupo e que aquele grupo parecia um grupo de apoio. Lá ela encontra com Ryan, única pessoa da sua idade, seu colega da escola e participante do grupo.

A relação dos dois na escola não era boa, porém, após Ryan declamar a sua poesia, Hannah fica impressionada e pede para que ele a ensine a escrever. Eles então começam a se encontrar, ele lê os diários de Hannah, a ajuda e ela escreve uma poesia que mostra para o grupo, mas não deseja divulgar para outras pessoas.

Sem o consentimento da protagonista, Ryan publica a poesia da adolescente anonimamente no jornal da escola. Ela observa vários colegas lendo e rindo da sua produção. Hannah vai ao encontro de Ryan, irritada, e ele diz que a fez um favor. A partir de então ela para de frequentar o grupo de poesia.

No presente, Tony conta para Clay o momento em que viu Hannah deixando as fitas em sua porta e diz que deveria ter ido atrás dela. Conta também que, depois de ouvir a primeira fita, foi até a casa de Hannah mas a ambulância já estava lá. Ela já havia se matado. Desde então, ele está empenhado em fazer com que o desejo da amiga se concretize: que todos os que aparecem nas fitas as escutem.

O episódio termina com Clay mostrando a poesia de Hannah para mãe da jovem, que se emociona ao reconhecer a sua caligrafia.

Episódio 9: “Fita 5, Lado A”

O episódio se inicia com o seguinte alerta: “Este episódio contém cenas que alguns espectadores podem considerar perturbadoras e/ou podem não ser adequadas para públicos mais jovens, incluindo representações gráficas de estupro e agressão sexual. Aconselha-se discrição do espectador. Se você ou alguém que você conhece precisa de ajuda para encontrar auxílio e apoio em sua região, acesse 13reasonswhy.info para mais informações”.

O pai de Hannah leva a poesia da filha para o conselheiro escolar e diz que a escola sabia do comportamento suicida de Hannah e não tomou as devidas providências. O poema da jovem fala sobre seu sofrimento e foi distribuído por um aluno para a instituição de ensino.

Na fita, Hannah diz querer uma mudança em sua vida e corta o cabelo. Há momentos no episódio em que mostra os pais dela preocupados com o negócio da família e não dando a atenção que a adolescente queria.

A protagonista relata nesta fita, situações que ocorreram em uma festa na casa de Jessica. Os jovens haviam consumido bastante bebida alcoólica, Jessica e Justin vão até o quarto da garota para transar, mas ela dorme devido o efeito do álcool e Justin sai do quarto.

Nesse momento Bryce entra no quarto e estupra Jessica enquanto ela está desacordada. Justin tenta evitar, falando para o amigo não entrar, mas Bryce entra e tranca a porta. Por razões ainda não explicadas, Hannah se encontra no momento escondida dentro do quarto de Jessica e presencia o crime. Essa é a segunda fita de Justin Folley, a protagonista culpa ele e a si mesma por não terem impedido o estupro de Jessica. Hannah sai do quarto muito abalado com o que aconteceu, vomita e sai chorando.

No presente, Marcus, Justin e Zach armaram de colocar maconha na bolsa de Clay, pois ele queria acionar a escola, revelando assim, as fitas. Os adolescentes fizeram isso com o intuito, de acordo com Marcus, de “mostrar a ele quem está no comando”. Clay é suspenso da escola, mas continua querendo denunciar Bryce pelo o que ele fez.

Episódio 10: “Fita 5, Lado B”

Após a festa de Jessica, Sheri, uma colega de escola, dá carona para Hannah, quando acidentalmente seu carro derruba uma placa de trânsito de parada obrigatória. Com medo de seu pai descobrir o acidente, Sheri não reporta o acidente a polícia mesmo após insistência de Hannah para fazê-lo.

Nesse cruzamento, minutos depois do acidente com a placa de trânsito, Jeff, amigo de Clay da escola, e um senhor, se envolvem em um acidente entre os dois carros, o que causa a morte do jovem. Por possuir bebidas alcoólicas em seu carro, a conclusão da polícia foi de

que Jeff foi o responsável. Porém, Clay o viu antes dele dirigir e lembra que Jeff havia dito que não estava bêbado, o que Clay passa a acreditar após ouvir a fita.

Dias após o acidente, Hannah vai até Clay chorando e fala que precisa falar sobre o que aconteceu. Clay se irrita, pois ela e Jeff não eram próximos e diz: “Por que você está chorando? Você mal o conhecia [...]. Todo drama precisa ser seu, ou não conta. De algum jeito, isso tem a ver com você. É incrível”.

Clay vai até a casa dos pais de Jeff dizer o que sabe sobre o acidente e dizer que ele não acredita que o filho deles estivesse bêbado na ocasião. Ao final do episódio, Tony se senta ao lado de Clay e fala que vai ficar ao lado dele, pois a próxima fita é a dele. Clay insiste para que Tony diga se ele que teria causado o suicídio de Hannah e, após insistir, Tony diz que sim.

Episódio 11: “Fita 6, Lado A”

A fita mostra Clay convidando Hannah para a festa de Jessica. Ela acaba indo, eles conversam e vão até o quarto de Jessica. Lá eles se beijam e, na fita, Hannah diz que “Naquele momento, tudo estava perfeito. E pela primeira vez em muito tempo eu podia imaginar um futuro em que eu era feliz”.

Os jovens então começam a transar, Hannah diz que era isso que ela queria, mas começa a lembrar de como os outros garotos a trataram em outros momentos e diz que é como se naquele momento, todos se tornassem o Clay. Ela então fala para ele parar, ele pergunta o que aconteceu, diz que achava que ela queria, pede desculpas e Hannah diz para ele ir embora e a deixar sozinha.

Após Clay sair do quarto, se inicia a cena que antecede o estupro de Jessica em que a protagonista presencia enquanto está escondida.

Enquanto isso, no presente, Jessica está com raiva de Justin, seu namorado, pois ele não quis transar com ela mais cedo. Ela vai até a casa de Bryce e, quando Justin descobre, ele vai até lá e diz não entender o que a garota faz ali com o amigo. Ela então insiste para ele dizer qual é o problema e, por fim, Justin revela que é porque Bryce a estuprou.

Justin tenta bater em Bryce, mas é segurado por outros colegas que também estavam na casa e diz que deveria matá-lo. Jessica vai para a sua casa e chora.

No presente, a mãe de Hannah encontra um papel escrito pela filha em que constam vários nomes e a frase: “há outros”. A mãe de Clay, advogada de defesa da escola, fala para o filho que o advogado da família Baker irá convocar ele e outros adolescentes para depor, pois

os pais de Hannah não aceitaram a proposta de acordo feita pela escola e eles vão a julgamento.

Ao longo do episódio, enquanto Clay escuta a fita, Tony permanece ao seu lado por todo o tempo e eles passam por vários lugares da cidade. Ao terminar a fita, Clay vai até a beira de um precipício, está muito abalado se culpando pela morte de Hannah e Tony preocupado que Clay possa pular, tira o amigo de lá.

Episódio 12: “Fita 6, Lado B”

O episódio, assim como o episódio 9, se inicia com o seguinte alerta: “Este episódio contém cenas que alguns espectadores podem considerar perturbadoras e/ou podem não ser adequadas para públicos mais jovens, incluindo representações gráficas de estupro e agressão sexual. Aconselha-se discrição do espectador. Se você ou alguém que você conhece precisa de ajuda para encontrar auxílio e apoio em sua região, acesse 13reasonswhy.info para mais informações”.

A história dessa fita se passa alguns dias depois da festa de Jessica e Hannah diz que vai contar como foi o pior dia de sua vida. Os seus pais estavam enfrentando dificuldades financeiras, ela se oferece para fazer um depósito importante para eles, mas, a garota se distrai e deixa a pasta com o dinheiro em cima do carro, sai e perde o dinheiro.

Ao contar para seus pais sobre o dinheiro, Hannah diz sentir como se não importasse o que ela fizesse, ela sempre acabava decepcionando as pessoas, e começou a pensar que as pessoas ficariam melhores sem ela. A protagonista então sai para fazer uma longa caminhada e acaba chegando à casa de Bryce, onde está acontecendo uma festa.

Alguns adolescentes estão na banheira de hidromassagem e a convidam para entrar. Depois de um tempo, os outros acabam saindo e ela fica sozinha. Bryce entra na banheira, Hannah diz que precisa ir embora, ele não deixa e a estupra. Na fita, ela diz que quem a está ouvindo deve imaginar que ela poderia ter feito mais para impedir que isso acontecesse e explica que naquele momento, ela já sentia como se estivesse morta. Hannah volta para casa, está com hematomas pelo corpo, e começa a fazer uma lista para entender como a sua vida deu tão errado.

No presente, Clay vai até a casa de Bryce e cobra dele uma resposta sobre o que ele fez com a Hannah. Eles trocam socos, Bryce admite dizendo que se ele quiser chamar o que aconteceu de estupro tudo bem, e Clay vai embora de bicicleta.

Justin, assim como os outros nomes da lista de Hannah, receberam intimações para depor. O namorado da mãe do jovem, que é traficante, irritado com a presença da polícia em

sua casa, sufoca Justin e o ofende até ser impedido pela mãe do adolescente. Justin então arruma as suas coisas, coloca uma arma na mochila e sai de casa.

O episódio termina com a notícia de que um jovem de dezessete anos levou um tiro na cabeça e está a caminho do hospital.

Episódio 13: “Fita 7, Lado A”

O episódio se inicia com o seguinte alerta: “Este episódio contém cenas que alguns espectadores podem considerar perturbadoras e/ou podem não ser adequadas para públicos mais jovens, incluindo representações gráficas de violência e suicídio. Aconselha-se descrição do espectador. Se você ou alguém que você conhece precisa de ajuda para encontrar auxílio e apoio em sua região, acesse 13reasonswhy.info para mais informações”.

Na fita, Hannah explica que ao final das doze fitas, sentiu que pudesse vencer isso. Ela vai até o conselheiro escolar e quando ele pergunta como ela está se sentindo, ela diz: “Perdida. Acho que... vazia”. Diz não se importar mais com nada, acredita ser um problema para seus pais, que não tem amigos e que Clay a odeia. Durante a conversa, o telefone dele os interrompe por diversas vezes.

Ao descrever o estupro que sofreu, o conselheiro perguntou se ela disse não, se pediu para que ele parasse e quando ela disse que não ele disse que, talvez, ela tenha consentido e depois se arrependeu. Depois, quando a garota disse que não diria o nome do autor e que não queria envolver seus pais ou a polícia, ele disse que só havia a opção: seguir em frente. Hannah sai do escritório e espera que o conselheiro vá atrás dela, mas ele não vai.

Após sair do escritório, ela pega lâminas na farmácia de seus pais, vai para casa, liga a banheira, entra, se corta e sangra até a morte. A cena do suicídio mostra com detalhes como ocorreu a morte da protagonista.

No presente, Clay vai até o conselheiro, conta o que aconteceu com Hannah durante e após a conversa deles. Fala também sobre as fitas e deixa a caixa para ele decidir o que fazer depois de ouvi-las.

Os adolescentes testemunham, na presença dos advogados, sobre situações desagradáveis que Hannah e eles próprios vivenciaram. Tony dá um *pendrive* com as fitas de Hannah para os pais da jovem, incluindo a gravação que Clay fez na casa de Bryce, em que ele confirmou que estuprou Hannah. Jessica conta para seu pai sobre o estupro que ela sofreu. E é revelado que o jovem hospitalizado é Alex Standall após tentativa de suicídio.